

Stadium

N.º 118 * 7 DE MARÇO DE 1945 * PREÇO 1\$50



NESTE
NUMERO

●
Separata
com e fotografia
de

RENDAS

capitão do
Vitória de
Setúbal

Uma fase animada do treino das Salésias, com vista ao Portugal-Espanha. Dois homens defendem as rédes: Valongo, do Estoril e Cardoso, do Sporting. Nesta muralha humana — qual o avançado capaz de marcar goal!

NO MUNDO DA BOLA

PELO "Jornalista DESCONHECIDO"

As razões

que paralizaram
o Campeonato Nacional

ESTA consumado o facto. No último domingo não se disputaram desafios de campeonato, na Primeira Divisão. As razões do caso já são de todos conhecidas. Os seleccionadores suggestionaram e o médico propôs o *domingo de repouso*, para cura das feridas provocadas pela competição, evitando o seu agravamento e ainda que outras lesões, impeditivas, se lhe viessem juntar. A Federação deferiu.

Por acaso — conhecemos em pormenor o quadro das referidas lesões. Aparentemente — é de desanimar. Nenhum dos componentes está livre de lesão. Vejamos, numa ideia sumária:

Azevedo, contusão na mão esquerda.

Valongo, contusão no joelho.
Manuel Marques, artrite no joelho direito.

Cardoso, contusão num joelho.
Feliciano, artrite no joelho esquerdo.

Gaspar, contusão no pé esquerdo.

Francisco Ferreira, luxação no pulso e distensão muscular.

Pacheco, furunculo no pescoço.
Rafael, contusão na coxa e entorse num pé.

Teixeira, contusão na coxa esquerda e entorse num pé.

Peyroteo, artrite num joelho.
Quaresma, contusão na face posterior da perna.

Espirito Santo, contusão num pé.

Barrosa, reumatismo muscular na coxa.

Dos seleccionados no estágio, só o médio Moreira escapa à *lei das lesões*. À primeira vista, o quadro é aterrador. Ficamos sem pinga de sangue... No fundo, e vistas as coisas como devem observar-se, o caso não tem grande importância.

Seria de admirar o contrário. Isto é, que após muitos meses e várias épocas de lutas, umas atrás das outras, ininterruptamente, os jogadores não apresentassem as mazelas próprias do jogo. São ossos do ofício... Cada profissão tem as suas doenças e cedo ou tarde cada um cai-lhe nas garrafas. O que sucede em Portugal — passa-se em Espanha e em todas as nações. No vizinho país queixam-se todos os dias das lesões, apesar dos campos de relva diminuírem o perigo. Se fôssemos rebuscar no onze nacional que nos visita verificaríamos o mesmo: a não-existência de um homem sem arranhaduras. Tudo combalido e tocado... No fundo, a selecção portuguesa está fisicamente apta.

Não disputar desafios oficiais para não agravar, ou não provocar novas lesões, está certo — desde que não se façam desafios-treinos. Até a «chutar» à baliza se arranjam trabalhos!...

Os "teams" dos 2 países A escolha e preparação —lá e cá...

EM Espanha começou tarde a trabalhar-se no problema da selecção. Jacinto Quincecos não tem tempo para grandes andanças. Uma saltada, e valiosa, ao estádio do Lumiar no Sporting-Avição; duas ou três visitas aos melhores campos do seu país; um treino, que não pode ter a designação de *treino de conjunto*, em Madrid; e pronto. Tudo estava acabado. Nem preparação especial. Nem interrupções nos torneios. Nada de anormal. Tudo seguindo como de costume a sua marcha regularíssima.

Quincecos não hesitou, apresentando à Federação de Futebol dezasseis nomes, os quais, não tendo havido lesão extraordinária no passado domingo, se deslocarão ao vale do Jamôr. É de destacar que, na organização da linha, os críticos exerceram grande influência. Em terras de Espanha ninguém se agasta com uma sugestão, venha ela de pessoa autorizada. Já no artigo publicado no último número da nossa revista, Ramón Melcón indicava os *interiores* que viriam a ser chamados ao *team* do seu país. Precisamente aqueles que foram chamados. Vejamos:

Eizaguirre, do Valencia; Millan, do Granada, e Aparicio, do Aviação; Moleiro, do Madrid, Ipiña, do Madrid, e Nando, do Bilbao; Epi, do Valencia, Escalá, do Barcelona, Zarra, do Bilbao, Cesar, do Barcelona, e Gainza, do Bilbao.

Ainda: Martorell, do Espanhol; Juan Ramon, do Valencia; German, do Madrid; Alonso, do Madrid; e Mundo, do Valencia.

O FUTEBOL DOMINA

ESTAMOS em plena idade do *futebol*. Nos tempos modernos não há desporto, ou seja que for, que atraia tão fortemente o interesse de toda a gente.

Haja em vista o que se passa com os bilhetes para o Portugal-Espanha. Com uma capacidade enormíssima, havia quem tivesse a impressão que o Estádio Nacional dificilmente se encheria no próximo dia 11. Husão!

Afinal — a lotação esgotou-se num abrir e fechar de olhos. Só as marcações das Associações, clubes e dirigentes atingiram um número elevado. Os bilhetes postos à venda foram verdadeiramente devorados.

É já no domingo...

Trata-se de um *team* admirável — sobre o papel. É certo que, em alguns casos, a prática não corresponde à teoria. *Team* duro e à base da energia em todas as células defensivas. *Team* veloz, artista e eficiente na célula de ataque.

Pontos fortes da selecção: um guarda-redes extraordinariamente seguro, tendo na sua frente uma defesa excelente, o direito; um médio como Ipiña; dois interiores funcionando como cérebro do ataque e procurando tirar todo o proveito da habilidade de Epi, da fogaçidade de Zarra e da juventude de Gainza. Eis o *conjunto* que se nos apresenta.

Em Portugal começou cedo a trabalhar-se no problema da selecção, mas têm subsistido muitas dúvidas. Os trabalhos da escolha verificaram-se, por assim dizer, até o último momento. Com escolha e preparação são aspectos inter-dependentes, resulta que a preparação acompanhou a escolha nas suas vicissitudes.

No entanto, concederam-se aos seleccionadores todas as facilidades. A tal ponto que, no passado domingo, o torneio oficial parou. Na segunda-feira realizou-se o treino. Consta-nos que Salvador do Carmo e Augusto Pedrosa informaram esta noite os jornalistas do arranjo definitivo do *team*.

Já não há tempo para mais comentários. Estamos mesmo em cima do jogo. Um desafio memorável! Importa agora uma coisa: juntar à fé dos nossos representantes a nossa confiança no seu esforço. E aguardar...

Idéias próprias e alheias

ESTA praticamente terminada para o dia 11 próximo a tarefa de seleccionar. Apesar de discordarmos da forma como estes trabalhos foram encaminhados — pobres de nós, que nada vemos, ao pé de quem muito sabe! — não temos dúvidas em acreditar, e transmitir essa confiança, que os seleccionadores, Salvador do Carmo e Augusto Pedrosa, têm vivido intensamente o seu problema, e, havendo enveredado por um caminho, procuraram acertar.

Justiça lhes seja. Todavia, é de focar que nunca se concederam medidas tão latas à função — as quais vão do treino exclusivo dos jogadores, isto é, fora dos clubes, à paralização do campeonato nacional. Neste capítulo — a Federação de Futebol cumpriu integralmente. Vamos a ver se a prática corresponde aos bons desejos dos dirigentes. E de todos.

A propósito das lesões dos jogadores, o conhecido massagista «leonino» Manuel Marques, que desempenha essa função no grupo nacional, disse a um conhecido jornalista o seguinte:

Esclareci o meu espírito. Julgava que só os jogadores do Sporting estavam tocados. Quantas vezes, trabalhando no meu clube, pensava comigo que não se devia dar o mesmo com os dos outros clubes. Afinal — a averiguação que fiz no estágio foi concluinte. T dos jogadores se encontram nas mesmas condições. A lei das lesões é inflexível. Não perdoa.

Embora esta *lei das lesões* também actue nos campos relvados, e a prova está no que se passa em Espanha, julgamos indiscutível que os terrenos duros constituem o ambiente mais propício à sua nefasta influência.

Além dos inconvenientes do domínio da bola, e no domínio se resume quasi todo o *association*, os campos duros têm feito um número infinito de vítimas: Uns que sofrem entorses, outros que ficam com a pele rasgada e a carne em sangue, etc.

Por exemplo, no jogo Sporting-Salgueiros, pouco mais do que treino, todos os *leões*, mais ou menos, apresentavam mazelas no vestiário. No Salgueiros — devia suceder o mesmo. Declaremos abertamente guerra aos terrenos «calvos»!

FLECHA

a melhor bicicleta

TRABALHO E DESPORTO

A actividade do pelouro desportivo da F. N. A. T. em 1945
e o que a propósito disse à STADIUM
o sr. capitão CAMPOS DE ANDRADA

O desporto corporativo é uma consoladora realidade. Era tempo, de facto, para o desporto acompanhar, tanto quanto possível, o trabalhador português. Apreciado devidamente este aspecto conclui-se que muito mais lucrará o trabalho produzido por um operário desfrutando boas condições físicas, sobretudo bem gimnasticado e usufruindo os benefícios de qualquer modalidade desportiva.

A organização bem orientada do desporto corporativo ficou a cargo da Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho — a já hoje tão popular F. N. A. T. — criando a sua secção especializada de Gimnástica e Desporto.

A ideia foi abraçada com grande entusiasmo e o desporto corporativo venceu. A causa da cultura física dos trabalhadores entrou em magnífica actividade e não tardou muito que nas camadas populares, constituindo os diversos aglomerados officinais, e até mesmo noutros sectores do trabalho, a ideia encontrasse excelente acolhimento.

«Queremos mais gente nos campos e menos nas bancadas» — disse o sr. engenheiro Ilídio de Queiroz, presidente da F. N. A. T., ao referir-se à actividade que aquele organismo corporativo fa dedicar ao desenvolvimento da educação física entre os trabalhadores portugueses.

A orientação seguida — já vão decorridos quatro anos de actividade — traduz a importância deste movimento desportivo da F. N. A. T., em cooperação com os diversos «Centros de Alegria no Trabalho».

A experiência destes anos e o grande interesse manifestado pelos trabalhadores, forneceram o ambiente necessário para que a F. N. A. T. procurasse aumentar as suas actividades de gimnástica e desporto. E, assim, verifica-se que de ano para ano esse pensamento tem-se valorizado, não só pelo alargamento das actividades desportivas oferecidas aos trabalhadores, como pelo grupo de individualidades convidadas a cooperar nesta magnífica obra do pelouro de Educação Física da F. N. A. T.

O ano corrente vai marcar ainda melhor o movimento do desporto corporativo. O convite feito ao sr. capitão Carlos Campos de Andrada para ocupar o cargo de adjunto técnico de desportos traduz a certeza de uma boa campanha desportiva. O distinto mestre de armas, cuja competência de organizador e dirigente tem sido brilhantemente posta à prova nos serviços de educação física e desporto da «Mocidade Portuguesa», enriquece especialmente o pelouro que, dirigido pelo sr. dr. Manuel da Costa Macedo (Mesquita), conta com um grupo de técnicos de valor.

Sobre o ano de desporto corporativo e a elaboração do calendário de provas, falou-nos o sr. capitão Campos de Andrada. Disse-nos do excepcional interesse que representa esta iniciativa da F. N. A. T. e do valor nacional que traduz o desporto na vida do trabalhador.

— A finalidade desta campanha desportiva da F. N. A. T. baseia-se especialmente na divulgação do desporto como manifestação de magnífica cultura física e também de excepcionais efeitos morais, fazendo reconhecer a todos os que se entregam às práticas do desporto corporativo os salutaros princípios em que este se baseia: o aperfeiçoamento moral caminhando a par e passo com o físico; — principiou por nos afirmar o sr. capitão Campos de Andrada, a quem pedimos nos transmitisse quais os princípios que estão orientando a actividade desportiva da F. N. A. T.

— A intenção deste organismo corporativo — organizar o maior numero possível de competições desportivas — destina-se não só a proporcionar uma distração aos trabalhadores portugueses, auxiliando a sua preparação física por intermédio das práticas desportivas, como a estabelecer contactos que estreitem as relações amigáveis entre todos.

«Para que estas se cultivem com eficiência é indispensável que as provas decorram num ambiente de salutar espírito desportivo, que todos os trabalhadores as disputem com a maior lealdade, disciplina e respeito pelos adversários, vencendo com generosidade e mantendo o bom humor na derrota.

«Pretende-se que os vencedores ganhem com dignidade, unicamente pela melhor técnica ou experiência, sem recorrer a violências e

nunca fazendo manifestações de alegria exageradas, que possam magoar os vencidos; que estes percam também dignamente, com calma, sem desesperos, sem raiva e sem desanimos...

«A lealdade, a disciplina, o respeito pelos regulamentos e pelas decisões do árbitro — devem ser a base de todas estas competições, porque constituem aquilo a que chamaremos «ordem desportiva», sem a qual não será possível a prática do desporto!

Com base nestes princípios, impulsionados pela competência e entusiasmo do sr. capitão Campos de Andrada, prevê-se actividade mais prestigiosa do desporto corporativo, cuja orientação técnica também sofre algumas alterações.

— Há muita gente a querer distrair-se pelo desporto — diz-nos o ilustre oficial. Portanto, procurou-se obter mais larga actividade de competições. O ciclismo, o «hockey» em patins,



Cap. CAMPOS DE ANDRADA

NATAÇÃO DE INVERNO

QUEM TREINA?

OS nadadores, para que o sejam de facto, carecem de cuidada preparação durante o inverno. A frase, à força de muito repetida e não menos estampada nas folhas da especialidade, entrou mesmo nos domínios do lugar comum — com todos os defeitos e virtudes dos lugares comuns...

Mas a verdade, porém, é que essa frase velha e relha conserva ainda hoje, entre nós, uma juventude teimosa e prejudicial à natação.

Podem evocar-se todos os argumentos tendentes a justificar o actual panorama da natação portuguesa, podem apresentar-se tódas as causas e possíveis remédios, podem encantar-nos a vista com bem delineadas maquetas e entreter-nos a imaginação com melhor ordenados planos que, sem esta realidade palpável — piscinas de inverno — dificilmente a natação lusitana apresentará características diferentes daquelas que de momento possui.

Mesmo a um leigo na matéria não deverá ser difícil apreender que não é possível a um nadador melhorar a sua «forma», aperfeiçoar-se tecnicamente, progredir, estando condenado a seis meses de inactividade por ano, mesmo partindo do princípio que durante os outros seis meses treinou regular e metódicamente — o que não é muito vulgar...

Depois, há pormenores na preparação de um nadador que não podem ser cuidados durante a temporada de provas.

Nada melhor do que a época de inverno para, sem preocupações de resultados, procurar aperfeiçoar-se e ensaiar outros «estilos», ou criar «fundos» para maiores distâncias.

Todavia, em Lisboa não existe uma piscina de inverno. A mais próxima fica «fora de portas», em Algés. A que melhores condições reúne para provas fica no Estoril...

Por isso, durante o inverno, quem treina? Dois núcleos apenas, o que é, de facto, pouquíssimo. Resta-nos a consolidação de que nesses dois locais — honra lhes seja — se trabalha com perfeição.

Mas em Lisboa, nos outros clubes, quem pensa em criar condições de treino para os seus nadadores, durante o inverno?

Que responda quem puder.

a patinagem, o «handball» e o boxe, são modalidades que vêm enriquecer o calendário de provas deste ano e bem assim interessar maior número de trabalhadores, que gostariam de praticar qualquer modalidade desportiva.

«Há outra iniciativa que deve agradar aos operários portugueses. Ao mesmo tempo que pensamos nos que gostam de correr e saltar ao ar livre, organizaremos torneios de chinquillo e de jogo da laranja, para os mais pacatos ou menos dados a fortes expansões do físico...

— A gimnástica?
— Continua como elemento número um da actividade do desporto corporativo. Pelo gimnástico da F. N. A. T., e onde for possível reunir as diversas classes, a gimnástica espalhará os seus benefícios pelos que trabalham.

— E o desporto feminino?
— Merece igualmente boa atenção. A mulher que trabalha terá no calendário do desporto corporativo as actividades que são mais recomendáveis — neste caso a gimnástica, o «volleyball» e o «ring-tennis». O tiro a arco também lhe está destinado, possivelmente.

«Outra modalidade, embora não esteja ainda marcada no calendário deste ano, é possível que se desenvolva: a esgrima. Propagando o gosto e interesse pelo belo desporto das armas entre os que estão ligados às práticas do desporto corporativo, poder-se-á conseguir excelente desenvolvimento da esgrima e valorizá-la com o possível aparecimento de novos elementos.

O sr. capitão Campos de Andrada forneceu-nos ainda mais alguns elementos sobre o desporto corporativo neste ano:

— Os desportistas corporativos serão divididos em três categorias: fortes, médios e iniciados. Assim os valores equilibram-se e seleccionam-se nas suas categorias.

«Mas outro pormenor que valorizará as provas deste ano: a «Insígnia Desportiva da F. N. A. T.». Constituem-na um conjunto de provas de natação, saltos em altura e comprimento, corridas de 80 e 1.000 metros, lançamento de disco e peso e tiro.

«Esta iniciativa será acolhida, por certo, com belo interesse e entusiasmos!»

O calendário do desporto corporativo para o ano de 1945 — de que já estão a disputar-se o campeonato nacional corporativo de futebol e o IV campeonato nacional corporativo de «tennis» de mesa — ficou assim elaborado:

Março: IV Campeonato Nacional Corporativo de bola ao cesto. Abril: Torneio corporativo de tiro da Primavera. Junho: Prova corporativa de ciclismo e Torneios corporativos de «volleyball». Julho: Torneios corporativos de natação e Torneio corporativo de «hockey» em patins. Agosto: Torneios corporativos de «volleyball» entre as classes de gimnástica, Festivais de patinagem, III campeonato nacional corporativo de tiro, Torneio corporativo de chinquillo, Torneio corporativo de jogo da laranja e Torneios corporativos de atletismo. Setembro: Torneio corporativo de tennis com argola («ring-tennis») entre as classes femininas de gimnástica, III campeonato nacional corporativo de atletismo, II campeonato nacional corporativo de natação, I campeonato nacional corporativo de luta de tracção à corda e Torneio corporativo de tiro do Verão. Outubro: Insígnia Desportiva da F. N. A. T. (individual). Novembro: IV campeonato nacional corporativo de futebol e Torneio corporativo de boxe. Dezembro: Campeonato nacional corporativo de «handball» e Corrida a corta mata do Natal.

Prevêem-se ainda festivais de propaganda desportiva de Julho a Setembro.

O programa elaborado é magnífico e de valor, porque assenta em sólido pensamento de disciplina desportiva.

No trabalhador português o desporto deve sobretudo imperar como forte traço de união, prevalecendo, quer no trabalho ou no campo atlético, a mais sã camaradagem. Por este imperante pormenor pugna com entusiasmo o pelouro desportivo da Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho.

FERNANDO SA



San Roman, o melhor e mais correcto jogador espanhol

REGRESSARAM a Lisboa os componentes da equipa que tão brilhante comportamento teve no jôgo disputado em Madrid contra a selecção local.

O acontecimento revestiu-se de extraordinário realce e a sua projecção vai reflectir-se, seguramente, em beneficio das futuras relações desportivas entre ambos os países peninsulares; se ficou no ânimo de todos que presenciaram ou participaram da pugna de Madrid a impressão molesta da meia hora durante o qual o grupo nosso adversário e, pior ainda, a pessoa que desempenhava funções de árbitro, das quais demonstrou não ser digno, se deixaram arrastar pelo pavor da pesada derrota iminente, desviando-se das normas impostas pelo desportivismo, — gravaram-se também na recordação de todos a hospitabilidade por parte de todas as hierarquias espanholas, que é sobretudo esta a tonalidade dominante da jornada.

Ao excelente comportamento dos nossos jogadores e à autoridade e tacto dos dirigentes que os acompanharam se deve render homenagem, repetindo aquelas palavras que, certamente, maior e mais legítimo orgulho lhes despertaram durante a sua permanência na capital espanhola: o louvor precioso que ouviram do sr. Embaixador de Portugal, no decurso do inolvidável almoço em que foram seus convidados, afirmando-lhes que haviam sido dignos da representação portuguesa no estrangeiro e que o jôgo presenciado fôra para êle manhã de alegria.

O valor do nosso «handball» foi buscar a Madrid a confirmação de que necessitava; possuímos uma classe indiscutível, que nos autoriza a ambicionar, sem exagerado optimismo ou louca confiança, mas com a segurança de digna presença, novos e mais largos projectos!

As atenções actuais dos animadores da modalidade convergem todas para o encontro Pôrto-Lisboa, que se anuncia para breve; o seu resultado vai possivelmente fornecer alguns esclarecimentos sobre o valor efectivo de uma selecção nacional que, com certeza, será chamada a exame na próxima temporada.

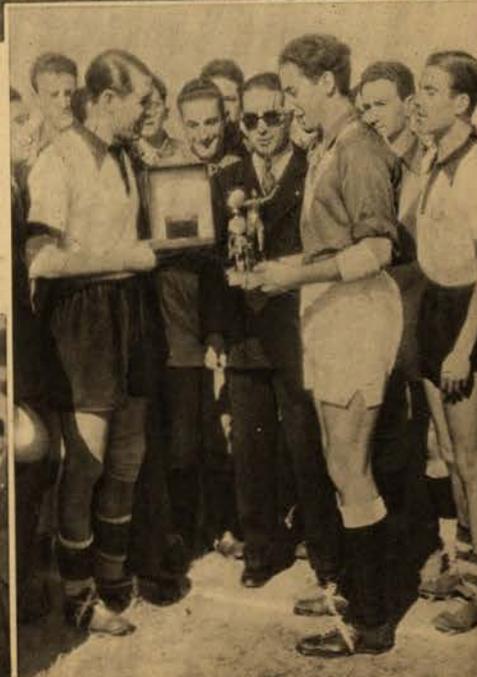
Ainda o encontro MADRID=LISBOA em "handball,"



Recepção no Ayuntamiento



Luis Neves lança à baliza evitando a entrada de Pozuelo



Os capitães, Natividade e Pozuelo, trocam lembranças



Os jogadores portugueses com as participantes no encontro de "handball," feminino

DUAS SENHORAS estão a salientar-se nas "poules" hípcas deste ano

Um dos factores que mais poderosamente contribui para o brilhantismo das «poules» que a Sociedade Hípica tem realizado no hipódromo do Jockey Clube é, sem dúvida, ocasionado pela inscrição de duas senhoras, que lhes trouxeram assim uma nota de requintada elegância, que não deve passar sem referência especial.

Há desportos onde a mulher impera, impondo-se pelas suas qualidades e — têm-lo dito várias vezes — sem que perca nenhum dos seus encantos. O hipismo é um deles!

É sempre agradável ver uma senhora cavalgar com garbo e destreza, passar velozmente pelas pistas e transpôr com alegria e desenvoltura os obstáculos, alguns deles de grandes dimensões. Pela assistência passa sempre um frêmito de emoção, é certo — mas é essa emoção que torna mais belos alguns espectáculos desportivos.

O interesse do público cresceu desta vez e dois factores contribuíram fortemente para isso. Um, o verificar-se que as duas senhoras inscritas teriam de realizar os mesmos percursos dos cavaleiros, vencendo, portanto, as mesmas dificuldades; outro, o facto de qualquer delas ter averbado já bons triunfos.

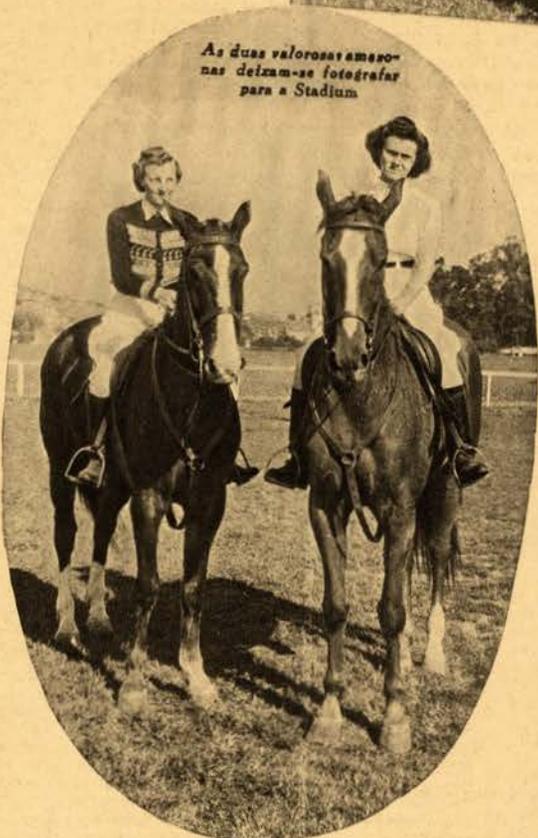
É certo que se uma senhora a cavalo, mesmo numa prova difícil, encontra determinadas vantagens, como por exemplo a possibilidade de um galope mais rápido, devido ao seu reduzido peso, ninguém duvida que para se conseguir uma boa classificação diante de cavaleiros de incontestável valor será necessário possuir qualidades excepcionais. Isto mesmo nos revelaram as duas senhoras que este ano surgiram a animar as «poules» de abertura da época.

Uma delas — D. Fernanda Leote — já versada em concursos nos quais alcançou a justicadíssima fama de amazona completa, conduz com suprema elegância e o seu regresso às provas desportivas foi logo premiado com um magnífico triunfo. A sua arte de cavalgar, D. Fernanda Leote alla detes de inteligência e de destreza.

A outra, D. Maria Tereza Ivens Ferraz, mocidade fresca, que em *Chacota*, no ano findo, não venceu mais convenceu, surge-nos agora



As duas valorosas amazonas deixam-se fotografar para a Stadium



mais firme, conduzindo com subtileza e elegância e revelando conhecimentos que só a prática concede.

A sua primeira inscrição nesta época deu-lhe, com mérito, a primeira vitória obtida depois de inteligente actuação, seguida de novo triunfo no último domingo.

O público tem sabido premiar o esforço das duas amazonas, não regateando os aplausos que D. Fernanda Leote e D. Maria Tereza Ivens Ferraz bem merecem pelo brilho que deram às provas, valorizando-as com a sua elegância e com o seu desembaraço digno de nota.

Stadium, que sempre defendeu o princípio de que a mulher não deve viver afastada do desporto, e que gostosamente presta homenagem a quem a merece, saúda as duas distintas amazonas — que praticando o hipismo com tanto entusiasmo e correcção não esquecem esta modalidade de tão felizes agradáveis tradições.

ANTAS TEIXEIRA

AS PROVAS DE DOMINGO

Continuaram no passado domingo as «poules» para disputa das taças «S. H. P. 1945» e «Rodrigo Castro Pereira», que tiveram a presença-las numerosas e muito selecta assistência, prova do interesse do público por esta bela modalidade desportiva. Foi um espectáculo animado e cheio de entusiasmo, durante o qual se assistiu a percursos magníficos, que já nos fazem prever uma época brilhante e movimentada.

A tribuna estava quasi cheia. A propósito, permitimo-nos lembrar a conveniência de conservar as escadas livres, visto que a afluência de público naquê local prejudica a visibilidade de quem está nas primeiras filas da mesma tribuna.

Para a taça «S. H. P. 1945», D. Maria Tereza Ivens Ferraz obteve nova vitória, num esplêndido percurso do «Tobrako», bem conduzido e com boa velocidade, tendo conseguido o bonito tempo de 89 s. 4/5.

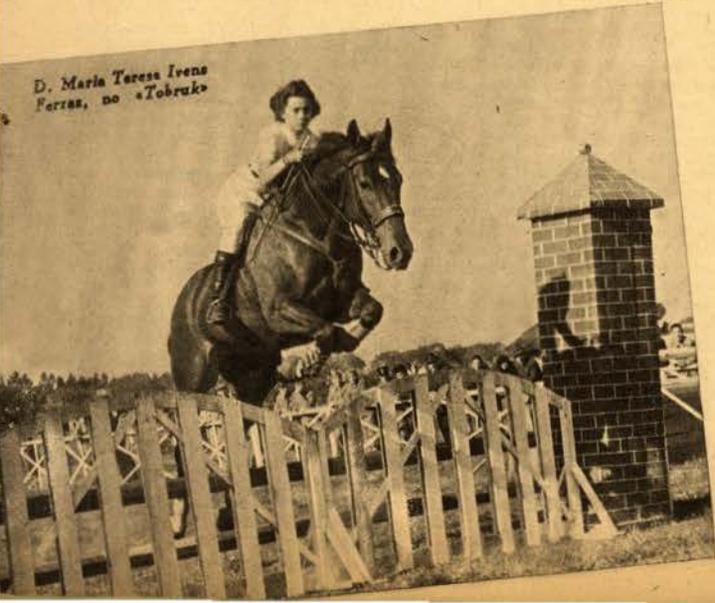
Houve mais dois percursos limpos premiados — de «Leve», com Herculano Moura, e de «Ambri», o irlandês de Peixoto da Silva. Limpam ainda, mas já sem prémio, «Drawragoo», conduzido por Helder Martins, e «Evelyn», com Trigo de Sousa.

Na segunda «poule», o «Lord», em dia feliz, colocou-se à frente da classificação, dando ao alferes Abrantes da Silva, que o conduziu com o habitual desembaraço, uma boa vitória.

O «Kizsh» e o «Longo», dois dos favoritos, saltaram bem, com José Beltrão e Reimão Nogueira, mas não conseguiram melhor tempo que o «Lord», classificando-se no entanto em 2.º e 3.º lugares, respectivamente.

Limpam ainda «Abanão», com Vasco Cordeiro, «Segure», com Peixoto da Silva, «Paraquedista», com Trigo de Sousa, e «Selecto», com Joaquim Barreto.

D. Fernanda Leote viu o seu belo percurso inutilizado por uma recusa.



D. Maria Tereza Ivens Ferraz, no «Tobrako»

MEIO SÉCULO EM PROL DO DESPORTO

O Ginásio Clube Figueirense festejou êste ano as suas bôdas de ouro

Algumas notas para a história do desporto na Figueira

Os clubes desportivos da Figueira da Foz são dos mais antigos no País, como são igualmente dos de mais longo e brilhante passado, que vem dos primórdios das competições náuticas e dos tempos áureos do ciclismo nacional, porque estes desportos precederam a introdução do futebol em Portugal. Data de mais longe a sua fundação—de épocas mais remotas. Tem sabido resistir melhor ao estrago dos anos. Não envelheceram—alguns dêles parece, até, que rejuvenescessem de quando em quando.

Em Lisboa, para os 42 e 41 anos de labor do Clube Internacional de Futebol e do Sport Lisboa e Benfica, temos a veterania gloriosa da Associação Naval, a mais antiga na própria península, o Ginásio Clube Português, e o velho Ginásio da Carreirinha do Socorro—e o Clube Naval de Lisboa, que festejou as bôdas de ouro há alguns anos. No norte do País, há, principalmente, o Clube Fluvial Portuense e o antigo Real Velo Clube, do Porto, que não desapareceu ainda. É pouco mais do que uma recordação, entre a família Muaze. Mas confia-se em melhores tempos...

Na Figueira da Foz há duas colectividades com meio século de existência: a Naval 1.º de Maio e o Ginásio, apenas com diferença de meses.

Temos, assim, na Figueira, dois clubes com cinquenta anos. Constituem um título de honra para o desporto local e para a sua terra. Deve ser curioso averiguar como se organizou e se manteve o núcleo desportivo da Figueira da Foz, há tanto tempo. Mas não é esse o objectivo desta crónica. A raz-nos, todavia, salientar uma coisa: o número de anos que conta a rivalidade entre o Naval e o Ginásio. Tem sido bem orientada, somente como estímulo para cada um trabalhar mais e melhor. Tem por isso sido útil ao desporto. E é, por estas características, um exemplo pouco vulgar.

Algumas notas para a história

O Ginásio Clube Figueirense fundou-se em 1 de Janeiro de 1895, com a designação de Clube Ginástico Velocipédico Figueirense. As raízes do clube assentavam, pois na ginástica e no ciclismo. A ginástica era principalmente a que tem a classificação de artística, com a qual se cultivavam a força e a destreza. E a bicicleta, em 1895, andava na moda. A velocipédia, que alcançara períodos brilhantes em Lisboa e no Porto, pouco tempo antes, e que se praticava em Coimbra, chegou rapidamente à Figueira da Foz. As primeiras provas de ciclismo disputaram-se, ali, em 1891, com José Diogo d'Orey e Manuel Ferreira, campeão português, um inglês, A. C. Edwards, e outros.

Estas provas concorreram para formar um campeão na Figueira, José Bento Pessoa, de quem falámos, recentemente, na Stadium. Quando se fundou o Ginásio, estava José Bento Pessoa em plena glória. Foi um dos grandes estímulos do clube nos primeiros tempos da sua existência. Bento Pessoa, que chegou a campeão da península e a «recordman» do

mundo, representou o Ginásio em ciclismo e contribuiu poderosamente para a expansão e valorização desta modalidade na sua terra. Fizeram-se passeios que deixaram tradição no Clube, organizaram-se corridas e formaram-se novos corredores de boa classe.

De princípio, como dissemos, dedicou-se o Ginásio Figueirense ao ciclismo e à ginástica de várias especialidades, incluindo a artística. Dedicou-se também à esgrima. E não descurou a acção cultural, criando um grupo dramático, tuna, orfeão, biblioteca, séries de conferências, etc. Fez-se um grande clube, em vários aspectos.

As datas que marcam fases ou ciclos de evolução e expansão dentro do clube são as



António da Silva Biscela, antigo presidente da direcção do G. C. F., que serviu com brilhantismo, especialmente na organização de muitas das melhores provas do clube e da Figueira, e dr. Ernesto Tomás, das figuras mais representativas do Ginásio, desportista eclético, campeão nacional de remo em varios anos e escritor de mérito.

DUAS NOTAS POR SEMANA

NO ESTRANGEIRO

O acontecimento desportivo sucedido além fronteiras e cuja projecção mais se reflecte no interesse da opinião pública portuguesa, foi, inequivocamente, o encontro Madrid-Lisboa em «handball», que colocou em realce a classe atingida na modalidade pelos praticantes nacionais.

Sobre o mérito da nossa vitória pronunciaram-se todos os técnicos portugueses, sem discrepância no critério; consideramos, porém, de maior interesse divulgar o que escreveu sobre o tema a crítica espanhola e na imprensa madrileña rebuscamos os recortes que seguem.

O cronista de «YA» reconhece: «No primeiro tempo os lisboetas fizeram uma preciosa exhibição de jogo. O onze de Lisboa actuava como uma máquina. Mais adiante concordava que o jogo a partir do sexto ponto dos visitantes endureceu tanto que escassamente voltámos a ver jogadas de interesse».

Em «A B C» lêmos: «A técnica dos jogadores portugueses, mais experimentados, demonstrou desde o começo uma superioridade que seria infantil negar. E depois: «Na segunda parte o jogo foi rico em faltas, que o árbitro não puniu com o justo rigor».

Vejamos «ALCAZAR»: «Os lisboetas jogaram bem e são superiores no passe e no desenvolvimento das jogadas». «Alguns dos espanhóis ressentiram-se da prática do «rugby» e in-correram em placagens que são faltas». E ainda: «O árbitro favoreceu algumas vezes os madrilenos».

«ARRIBA» chama ao jogo um «partido pedagógico» e declara que deve ser aceite como «lição para o futuro».

Em «GOL», Mário Juanes, que assistiu ao encontro de Lisboa, escreve: «Na primeira parte os lisboetas conseguiram ampla marcação; mas os seus alunos de mês e meio assimilaram tão bem a lição que lhes meteram um susto».

seguintes: 1897, começo da prática do remo; 1906, organização das secções de futebol e natação; 1917, realização do primeiro Congresso Náutico em Portugal, do qual veio a resultar, mais tarde, a fundação da Federação Portuguesa de Remo; e 1922, organização da secção de tiro.

A natação deve o Ginásio uma das primeiras e mais brilhantes representações fora da Figueira, por intermédio de António da Silva Monteiro, já falecido há anos. Silva Monteiro concorreu às duas primeiras provas de natação que se organizaram em Portugal, ambas por iniciativa do Ginásio Clube Português. Em 14 de Outubro de 1906 entrou no campeonato da Meia Milha do Ginásio, classificando-se em 2.º lugar, atrás do inglês Artur Rumsey, representante do Real Velo Club, do Porto. No dia imediato, só os dois se abalçaram na «Prova de Mar», disputada na baía de Cascais, classificando-se pela mesma ordem da véspera. Monteiro, que criara fama na Figueira, pelas suas proezas em pleno oceano, alargou assim essa fama a Lisboa.

As Bôdas de Ouro

O Ginásio Clube Figueirense tem desempenhado também papel notável de organizador e cooperador em campeonatos e provas, nacionais e internacionais, levadas a efeito na Figueira da Foz. O seu nome está ligado a muitos desportos — e a inúmeras iniciativas. Por ele têm passado alguns dos nomes de mais destaque no desporto figueirense.

Publicar o seu historial completo seria alargar demasiadamente esta crónica. Ficamos, pois, por aqui.

Para realçar o esforço do Ginásio, no passado e no presente, e na preparação de um futuro ainda mais amplo, basta anotar que o velho clube figueirense soube festejar condignamente o seu quinquenário. Uma série variada de provas, iniciativas e evocações, serviu, esplendidamente, para marcar o seu valor, recordar a obra realizada e definir as perspectivas que se lhe deparam.

MÁRIO DE OLIVEIRA

EM PORTUGAL

CHEGAM depois de amonhã a Lisboa os jogadores da selecção espanhola de futebol, que voltam a terra portuguesa, após quatro anos de ausência, para reatar os laços da mais tradicionalista e prestigiosa das competições internacionais. E êste, sem dúvida, o grande acontecimento nacional da semana.

Vão longe os tempos em que aventurosamente, na ignorância das suas reais possibilidades, uma representação portuguesa partia, cheia de entusiasmo desportivo, para Madrid, onde a esperava um adversário de créditos já firmados.

Hoje, o desporto adquiriu no país consciência própria—e o futebol, em especial, conquistou personalidade com tradições firmadas em dois dias de gloriosa competição.

Parece-nos difícil e ousado concretizar previsões: tão perigoso é o demasiado optimismo, como desmoralizante o negro pessimismo. Todos os cuidados foram empregados para a avelutar a melhor composição e as possibilidades de melhor resultado ao nosso grupo representativo; temos o direito de lhe exigir entusiasmo, cavalheirismo e vontade. O resto, a vitória ou a derrota, depende das contingências do jogo e do valor do adversário.

Confiamos todos na probabilidade de triunfo; esperamos-lo com anseio e serão de algumas dezenas de milhar os corações a pulsar em volta do terreno, na esperança de que chegue, enfim, o primeiro êxito contra o mais antigo e amigo dos nossos rivais desportivos.

Mas se o destino não estiver ainda desta vez pelo nosso lado, saberemos enfrentar a desilusão com a firmeza de ânimo dos verdadeiros desportistas, dispostos a prosseguir com afã nos esforços pelo aperfeiçoamento que um dia, fatalmente, nos há-de compensar com o prémio ambicionado.

RUGBY

A equipa do SEU em Lisboa

O Belenenses tem dedicado ao rugby magnífico entusiasmo. A esse teu interesse deve-se belo impulso, concludendo a propaganda deste desporto no sentido de o tirar do modesto em que a sua actividade tem vivido.

Comparando melhor ainda todo o trabalho belenense pelo rugby, os «zeus» chamaram a si a iniciativa de promover e virde a Lisboa de equipa do Sindicato Espanhol Universitário, para disputar dois encontros, nos próximos dias 10 e 12, pelas 17 horas, no estádio José Manuel Soares, respectivamente com as equipas do Benfica e do Belenenses.

A iniciativa é arrojada, tratando-se de desporto tão modesto, mas por isso mesmo merece inleto aplauso.

A equipa do SEU alinhará com os seguintes elementos: Pestalotes (Médico), Navarro (Agricultura), Alarcón, Az Mend e Escape, todos de Direito, Dauden, Nicolas, Bastamonte, Toro, Gonzalez, Keniek, Sauxim, Jencado, Casaleu e Cusia, todos de Engenharia.

Balanço da última temporada

IV — Os principiantes, os juniores e os seniores

por ABREU TÔRES

Os principiantes de 1944 arquivaram para a história o melhor conjunto de resultados de todos os tempos. Mesmo levando em linha de conta que um dos mais representativos — o estorilense Artur Mendes Silva — «voltou» a principiante em cumprimento de disposições regulamentares, o que é indiscutível, e para nós extremamente consolador registar, é o magnífico conjunto de «tempos» alcançado não só pelos campeões lisboetas da época finda, mas também por outros nadadores que, não chegando a tal, conseguiram, como abaixo indicamos, «marcas» de real valor.

Indivíduo, duas figuras surgem em grande plano: Artur Mendes Silva e Jeremias da Ponte Simão, ambos produtos da competência de Azinhais dos Santos.

São dois nadadores de extraordinários recursos e de quem há muito a esperar. Mendes Silva, um dos «nadadores-completos» de 1944, notável, inclusive pela facilidade com que se adapta aos vários «estilos» e às várias distâncias. De entre os «tem os» que obteve queremos salientar o alcançado nos campeonatos nacionais da «M. P.», nos 100 metros-costas: 1 m. 20.8 s. Mas não esqueçamos as suas invulgares qualidades para nadador de bruços e os belos resultados conseguidos em crawl de frente.

Jeremias Simão é outro tipo de nadador. Na sua especialidade deve atingir extraordinária classe. O «tempo» que obteve nos 100 metros-livres, no «Festival de Encerramento», e que está presentemente ao alcance de poucos portugueses (1 m. 9.5 s.), é indicação segura. Outro «record» seu de muito valor: o dos 200 metros-livres, em 2 m. 41.6 s.

Em «bruços» o título foi para Câmara e Sousa, tendo-se distinguido, também, Carlos Alberto Nobre Borges, António Rodrigues, José Mântua e Armando Pereira Marques.

O lote dos nadadores de futuro pertencentes à categoria de principiantes é, no entanto, maior.

Cingindo-nos aos que mais se distinguiram, citaremos Fernão de Ornelas Cisneiros, que se creditou, nos 100 metros-livres, com 1 m. 12.9 s., e nos 200 com 2 m. 45 s.; Alvaro Parracho, que em idênticas distâncias obteve, respectivamente, 1 m. 13 s. e 2 m. 47.7 s.; Vitor Lopes, Artur Malheiro e Fernando Cabral.

A lista completa dos campeões da época transacta, que arquivamos, é a seguinte:

100 metros-bruços — Eduardo Câmara e Sousa 1 m. 20.2 s.; 100 metros-costas — Artur Mendes Silva, 1 m. 22 s.; 100 metros-livres — Jeremias Simão, 1 m. 9.5 s.; 200 metros-livres — Jeremias Simão, 2 m. 41.6 s.; e 4 x 100 metros-livres — (Parracho, Jeremias, Cisneiros e Artur Mendes Silva) 4 m. 49.4 s. — em representação do Estoril Praia.

Não queremos, todavia, terminar este capítulo sem uma referência à turma do Estoril (Artur M. Silva, Câmara e Sousa e Ornelas Cisneiros) que baixou para 3 m. 58.8 s. o «record» da estafeta 3 x 100 metros-estilos.

Para os principiantes, pois, as honras da temporada de 1944. Eles são a maior segurança da continuidade do progresso da natação portuguesa.

Os títulos dos juniores ficaram distribuídos do modo seguinte:

100 metros-livres — Fernando Sousa (S. C. P.) 1 m. 13.3 s.; 200 metros-livres — Francisco Salgado (E. P.) 2 m. 50.3 s.; 400 metros-livres — Belmiro Santos (E. P.) 6 m. 6 s.; 1.500 metros-livres — Belmiro Santos (E. P.) 24 m. 18 s.; 100 metros-costas — Mário Santana Alves (E. P.) 1 m. 28.4 s.; 200 metros-bru-

ços — Carlos Azevedo Júlio (E. P.) 3 m. 19.1 s.; e 4 x 200 metros-livres — Estoril Praia (Belmiro, Salgado, Santana Alves e Carlos Azevedo Júlio), 11 m. 44 s.

O Estoril dominou, como se verifica. E o Sporting, depois de muitos anos, ganhou um campeonato.

Os «tempos» são, no entanto, fracos, todos eles consideravelmente aquém dos respectivos «records». Isto, às vezes, sucede. Há uma espécie de crise, nesta ou naquela categoria. Numa modalidade na qual, em Lisboa, temos número reduzidíssimo de colectividades a trabalhar em boas condições, não é de admirar que se verifiquem casos como este: o de os principiantes serem — de longe — superiores aos juniores.

Anotemos, no entanto, os dois títulos conquistados por Belmiro Santos. E registemos que Fernando de Sousa conseguiu, no «Festival de Inauguração», cobrir os 100 metros em 1 m. 9.4 s. — a melhor marca obtida por um junio. em 1944.

Há nadadores susceptíveis de progresso. Estão neste caso Mário Santana Alves e Carlos Azevedo Júlio, que, a continuarem a trabalhar, embora não apresentem aquelas faculdades que caracterizam os grandes campeões, podem, porém, transformar-se em figuras de primeiro plano, progredir e melhorar os seus «tempos» consideravelmente.

O Alguém tem ainda em José Cabral Júnior, Henrique Abrantes dos Santos, Agostinho Pessoa Duarte, Francisco Raposo e Carlos Manuel Matias, nadadores que estão longe de terem dito a sua última palavra.

Mário Simas, Joaquim Baptista Pereira e João da Silva Marques foram, entre os seniores, as figuras mais em relevo.

Simas, que este ano não se empregou a fundo vez alguma, averbou três títulos de campeão nacional: 100 metros-livres (1 m. 8.3 s.); 200 metros-livres (2 m. 35.6 s.) e 100 metros-costas (1 m. 14.3 s.). Fez ainda parte da turma do Estoril vencedora da estafeta 4 x 200 metros-livres.

Os seus melhores «tempos» da temporada obteve-os, no entanto, em Coimbra, quando da visita do Estoril àquela cidade, em 3 de Setembro.

Simas realizou, então, 1 m. 4.4 s. nos 100 metros-livres e 1 m. 13.1 nos 100 metros-costas. Joaquim Baptista Pereira, ainda que sem atingir os seus melhores resultados, manteve a superioridade firmada desde 1938, com a conquista de dois títulos nacionais: 400 e 1.500 metros-livres. Em ambas as provas arquivou os melhores resultados da época.

Não concorreu aos campeonatos regionais de 400 metros-livres — onde se verificou a vitória de Mira Gomes, em 5 m. 43.7 s. — mas obteve 5 m. 34.5 s. nos campeonatos nacionais. Nos 1.500 metros-livres, o seu melhor resultado foi o dos campeonatos regionais — 22 m. 50.4 s., posto que nos nacionais não foi além de 23 m. 49.5 s. Faltou-lhe, para manter a tradição, a travessia do Tejo. Ou a inércia não fôsse uma das leis da física — e da vida...

Silva Marques, batido por Júlio Mendes Silva nos campeonatos regionais, veio de novo à superfície nas provas máximas e obteve uma vitória em que talvez ele próprio não acreditasse...

(Continua na página 15)

A fechar esta excelente jornada desportiva da «Mocidade», Artur Giesteira de Almeida leu uma palestra em que focou a posição da esgrima dentro da Organização e as vantagens que oferece aos seus praticantes. Após exhibições de florête entre Carlos e Edmundo Franco e Alberto Giesteira, as provas foram encerradas com a distribuição, pelo representante do sr. Comissário Nacional, das placas comemorativas deste campeonato.

J. V.

Os campeonatos de florête da «Mocidade»

foram ganhos pelos representantes da Estremadura

Os centros especializados de esgrima da «Mocidade Portuguesa» podem orgulhar-se de serem, nos últimos anos, os animadores inequebrantáveis do belo desporto das armas, que ultimamente tem visto reduzido o número dos seus entusiastas e amigos.

Os centros de esgrima da «M. P.» têm lutado com a falta de professores, porque sendo estes, na sua forte maioria, oficiais do exército, foram obrigados a deixar inactivos muitos daqueles centros, pelo afastamento do continente devido ao cumprimento de deveres profissionais. Só os do Douro Litoral, dirigido pelo capitão Mário de Almeida, e da Estremadura, de que foi director o capitão Campos de Andrada e é actualmente orientado pelo capitão Mário de Figueiredo, se mantiveram em actividade regular — não sem fortes dificuldades, felizmente vencidas pela dedicação e competência destes incansáveis dirigentes. Por isso os seus nomes devem estar presentes no espírito dos filiados da «M. P.» — e no de todos os esgrimistas que trabalham pelo progresso do seu magnífico desporto.

O campeonato nacional de florête da «Mocidade» disputou-se este ano em Coimbra, com a participação dos representantes das províncias do Douro Litoral, Beira Litoral e Estremadura. Esta última foi a vencedora absoluta — individualmente e por equipas.

A prova de equipas foi jogada com agradável correcção técnica e por entre viva animação. Classificaram-se: 1.º — Estremadura (E. Franco, J. Figueiredo, A. Martins e Castelo Branco, suplente), com 2 vitórias; 2.º — Douro Litoral (Artur e Alberto Giesteira de Almeida, M. Peixoto Duarte e E. B. Correia de Abreu e A. de Faro Barros, suplentes), com 1-1; 3.º — Beira Litoral (J. Baptista Rodrigues, Antonio e Joaquim Prado e Castro e J. J. Gonçalves Proença, suplente), com 0-2.

No torneio individual venceu Edmundo Franco, após «barrage» com Alberto Giesteira, desfeita num assalto com excelentes pormenores de bom florête. O primeiro é o magnífico atirador já sobejamente conhecido das competições oficiais da F. P. E. O segundo evidenciou progresso e se não conduziisse por vezes os seus assaltos com demasiado optimismo obteria maior eficiência.

Classificaram-se a seguir: 3.º — J. J. Gonçalves Proença, que está distante, tecnicamente, dos dois primeiros, mas que mereceu a sua posição pela energia e vontade com que se exibiu; 4.º — Baptista Rodrigues, um atirador de optimo temperamento, calmo e oportuno, mas que necessita melhorar a posição na guarda e conseguir mais perfeita noção da distância; 5.º — Artur Giesteira, que sabemos calmo e dotado já de razoável técnica, mas que não se adaptou à prova, prejudicando-se por jogar com frequência de pé, perdendo terreno e atacando com prejudiciais e ineficazes corridas sobre a passadeira; 6.º — J. Figueiredo, «carnoto» de boa intuição, de quem há muito esperar — quando o tempo lhe der experiência e domínio de si próprio.

Antero Martins e Jorge de Carvalho (D. L.) classificaram-se 7.º e 8.º, «ex-aequo». Fraca exhibição daquê, a atacar de braço encolhido, descoberto e pouco enérgico, e boa demonstração de habilidade do segundo, que se prejudicou pelo seu impeto, em prejuizo da concepção do ataque. O último classificado, António Prado e Castro, enérgico mas menos eficiente que os seus companheiros de sala, acusou menos trabalho mas possui intuição digna de ser cultivada.

Os jurís foram presididos pelo capitão Campos de Andrada, Inspector de Esgrima da «M. P.», coadjuvado pelos capitães Mário de Figueiredo, Mário de Almeida e Alvea Monteiro e por Carlos Gouveia Franco.

A linha de Portugal contra a Espanha sobre o treino das Salésias

por TAVARES DA SILVA



A GORA — só o jogo. Ante-ontem no campo relvado das Salésias, invadido por centenas de pessoas quando o treino devia ser feito à porta fechada, acabou a preparação. Os ensaios decorreram menos mal; nem sempre com a clareza devida. Esperamos que, na apresentação, tudo saia bem. Mal comparado, recorda-nos o que se passa no teatro. O ensaio geral, na véspera, é por vezes coisa diabólica, e o espectáculo, no outro dia, resulta maravilhoso. As pessoas chegam a exclamar: *Quem havia de dizer...*

Pois é verdade. O capítulo da preparação está exgotado. Daqui a quatro dias, no Estádio Nacional, e no seu tapete de verde maravilhoso, ante mais de cinquenta mil espectadores, desenvolver-se-á o capítulo emocionante de mais um Portugal-Espanha. Mas a gente da bola está já a viver o acontecimento. Por nossa parte, declaramos sinceramente que tal nos está a acontecer. Mesmo que não o desejemos — o problema da selecção portuguesa, como a ideia do encontro, não nos sai do pensamento.

O último treino, o das Salésias, não foi em vão. Quanto mais não fôsse — forneceu uma indicação positiva. E isso já é alguma coisa. Os internacionais, vestidos de azul, alinharam a seguinte formação: Valongo; Cardoso e Feliciano; Barrosa, Francisco Ferreira e Serafim; Espírito Santo, Quaresma, Peyroteo, Catolino e Rafael. No team da Cuf tomaram lugar Azevedo, Marques e Moreira, Pacheco e Cabrita. No segundo tempo, Cabrita substituiu Catolino. Francisco Ferreira, tendo caído sobre o pulso já magoado, recolheu ao vestiário — por causa das dúvidas... Gaspar ocupou o seu lugar.

Augusto Silva, em fato de treino, pôs o apito na boca. E os pontapés duraram cerca de uma hora. Como em geral sucede nas sessões desta natureza, os jogadores não se empregaram a fundo. Nem deveriam fazê-lo, dada a proximidade da grande partida ibérica. Estes treinos destinam-se ao adestramento dos jogadores, especialmente no seu conjunto. Cada elemento, mesmo metido num bloco, tem o seu processo, a vocação dum passe, a sua tendência para certo jogo. Acostumar cada um ao processo de cada um — eis uma das vantagens dos treinos de conjunto.

O team provável jogou sem preocupações de fazer goals. Mais com objectivos de enquadramento do que com a ideia prática de marcar bolas. Nos jogadores designados — todos sabemos que uns são mais fortes do que outros. Justamente, esses mais fortes e de mais classe revelaram a sua superioridade — mesmo na brincadeira. De resto, em todas as seleções acontece o mesmo. Há pontos fortes e fracos. Jogadores indiscutíveis e jogadores em dúvida, sobre cuja escolha recai a atenção dos entendidos, ou dos técnicos.



A circunstância de Teixeira, o enérgico interior do Benfica, estar doente, mesmo de cama, levantou um novo problema na formação da equipa. Por felicidade — dois homens, um do norte e outro do sul, Catolino e Cabrita, apresentaram-se no referido lugar. E para mais felicidade, um deles, o ruivo algarvio, conseguiu deixar a melhor das impressões: a par de magníficos passes e remates, uma mocidade exuberante, plena de energia e estuante de vigor, Catolino também não desiludiu. Bem pelo contrário: algumas das suas intervenções foram notadas. Quere dizer, do último treino, já com a estrutura do grupo organizado, aproveitou-se qualquer coisa que, aliás, vale muito.

Interessa, particularmente, saber qual o team que alinhará no Estádio Nacional. Não seguimos na corrente de aqueles que afirmam que tudo está certo — sejam quais forem os nomes, desde o guarda-redes à posição da extrema esquerda. Entendemos, no entanto, que, nesta altura, já não se justificaria o comentário, vivo e serio, que descesse ao fundo das questões. Há que aceitar o que está feito. E ter confiança nos jogadores escolhidos, na certeza de que eles não deixarão de fazer tudo quanto estiver na medida do seu esforço e da sua inteligência para arrancar uma gloriosa vitória — que seria a primeira num Portugal-Espanha.

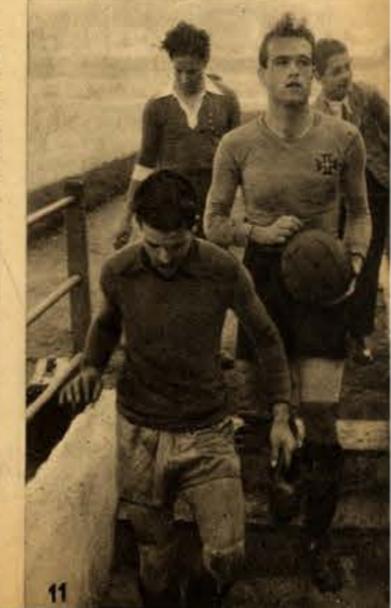
Que linha apresentaremos? Os seleccionadores darão a conhecer esta noite a lista na Federação de Futebol, e indicarão aos jornalistas o quadro definitivo; e as razões que conduziram à escolha. Isto é, a orientação havida, o seu fundamento e o plano do jogo que vai ser adoptado.

Todavia, como temos seguido atentamente os treinos, e conhecemos, devido à nossa posição amiga, o pensamento dos seleccionadores, não andaremos longe da verdade, afirmando em sintese o seguinte: o trio defensivo será o do Sporting (Azevedo, Cardoso e Marques). Os seleccionadores estiveram indecisos durante muito tempo, e na dúvida entre Feliciano e Marques, decidindo-se afinal pela homogeneidade do trio do Sporting. A formação média tem alinhado ultimamente da seguinte maneira: Barrosa, Ferreira e Serafim. Não é difícil afirmar que tais jogadores estão escolhidos, actuando Barrosa e Ferreira num plano em que os dois cobrem os interiores adversários. O papel do médio-centro aparece abatido. Quanto à linha da frente — não há segredo. Jogando Cabrita teremos: Espírito Santo, Quaresma, Peyroteo, Cabrita e Rafael.

Falta já pouco tempo. Os espanhóis quasi que vêm a caminho. Serão bem recebidos. Bem sabemos que o grupo que nos vista, sem as figuras individuais de épocas passadas, é todavia fortíssimo. Mais uma razão para todos fortalecermos em nosso espírito a ideia de que temos de nos empregar a fundo. Numa palavra — vencer.



1 — No vestiário das Salésias, antes de começar o último treino, Peyroteo e Barrosa equipam-se. Qualquer deles, como todo o bom jogador, é meticoloso no equipamento. 2 — Augusto Silva, o treinador oficial, conversa animadamente com Serafim, Barrosa e Quaresma, explicando quaisquer coisas — que nós não sabemos o que é — mas que eles compreendem. Se compreendem? 3 — Salvador do Carmo, no centro do terreno, dá indicações antes do treino começar. Para o grupo treinador: cuidado... 4 — Augusto Pedrosa e Salvador do Carmo com equílibrio que vão ser internacionais pela primeira vez, efectivos ou suplentes; Pacheco, Serafim, Valongo, Catolino e Feliciano; Manuel Marques, Barrosa, Cabrita e Moreira. 5 — Os seleccionadores observam o jogo. Estão preocupados. Têm razão para isso: — Vem aí a Espanha. 6 — Peyroteo, o ás do remate, atira com a força de sempre. Pensa que é goal, mas está enganado. Azevedo não dorme. 7 — O avançado-centro Peyroteo, numa jogada plena de domínio, sempre em actividade. 8 — Os seleccionadores no meio daquêles que já tiveram a honra de ser internacionais: Rafael, Cardoso, Azevedo, Quaresma, Gaspar, Espírito Santo, Francisco Ferreira e Peyroteo. 9 — Tavares da Silva, entre Augusto Pedrosa e Salvador do Carmo, escreve a linha nacional. Em seguida — fica despondido. Os seleccionadores intimam-no amigavelmente a não dar a conhecer os nomes... 10 — Cardoso repousa. Barrosa e Quaresma fazem companhia. Talvez pensem já no desfecho do domínio. 11 — Acabou o treino das Salésias. Os jogadores recolhem ao vestiário. Todos estão contentes com a sua tarefa.



A MARCA QUE VOU USAR EM CHAPÉUS E BONÉS

Uma dúzia de exercícios gymnásticos de preparação física...

VIII—... para os saltadores à vara

Aviso prévio: Não se trata aqui de esquemas de lições de gymnástica, mas apenas de uma escolha de alguns entre os muitos exercícios que melhor correspondem às necessidades de preparação física especializada destes atletas.

Também não escrevi estas notas para professores; esses não precisam do meu conselho. Escrevi para os rapazes que trabalham sem assistência de técnico competente e por isso redigi o enunciado dos exercícios fora das regras da terminologia oficial, de maneira a ser compreendido por eles aquilo que pretendo explicar.

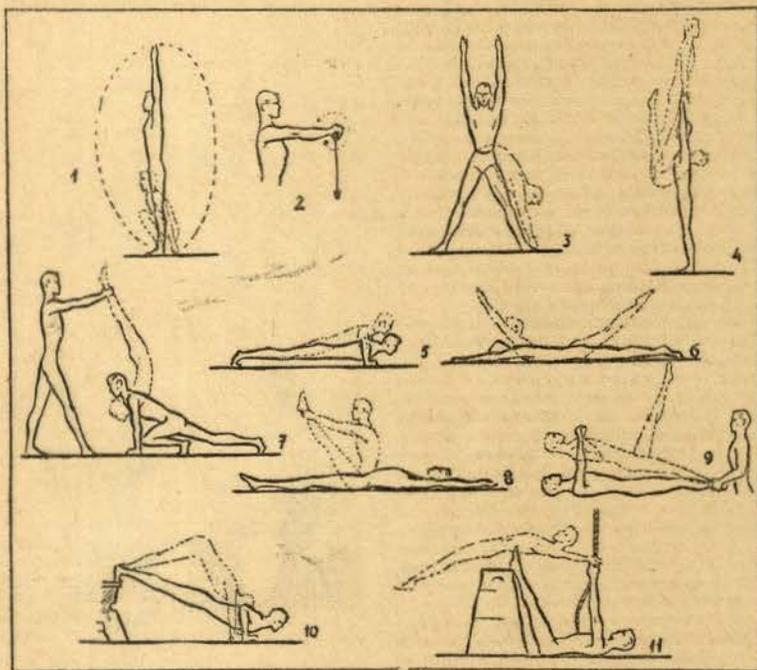
SALAZAR CARREIRA

1—Em sentido: grandes flexões e extensões rápidas das pernas, sem descolar os calcanhares do solo, executando simultaneamente circunvoluções dos braços. A posição de pernas estendidas correspondem os braços na extensão superior; à posição de máxima flexão de pernas corresponde a passagem inferior dos braços. Os braços giram de baixo, para diante, para cima, para trás e para baixo.

7—Fazer o pino; com o auxílio de um ajudante que segure os pés.

Progressão: flexões de braços; lançando os pés de encontro a uma parede e procurando progressivamente o equilíbrio sobre as mãos. Quando for atingido este aperfeiçoamento indispensável, marchar sobre as mãos.

8—Deitado dorsal, braços no prolonga-



2—De pé, braços em extensão anterior; enrolar em volta de um pau uma corda em cuja extremidade está suspenso um peso. (O pau deve ser suficientemente comprido para as mãos ficarem separadas à largura dos ombros e da espessura aproximada da vara). Enrolar uma vez para dentro (trabalho das flexores) e outra vez para fora (trabalho dos extensores).

3—De pé, pernas em grande afastamento lateral; braços em elevação superior; grande flexão e torção do corpo à frente, tocando com ambas as mãos alternadamente no pé esquerdo e direito, procurando tocar com a testa no joelho. Entre cada flexão, voltar à posição inicial.

4—Suspenso de uma barra (pode servir o varão de ferro que sustenta o poste da baliza); subidas de frente.

Progressão: o mesmo exercício em suspensão com os dois polegares para a direita.

5—Em queda facial, apoio sobre as pontas dos dedos; saltitar sobre as mãos. (Os pés ficam sempre em apoio).

6—Deitado facial, braços estendidos no prolongamento do corpo; lançamento simultâneo, para cima e para trás, dos braços e pernas estendidos, arqueando o tronco tanto quanto possível.

Progressão: insistências.

mento do tronco, acima da cabeça; flexir o corpo à frente, elevando as pernas estendidas e tocando com as mãos nos tornozelos.

9—Suspenso pelas mãos, corpo empranchado, pés em apoio nas mãos de um ajudante; flexões dos braços, levantando ao mesmo tempo uma das pernas à vertical. (Manter durante todo o exercício o empranchado do tronco e da perna que fica em apoio).

10—Pés em apoio elevado, mãos em apoio no solo e braços flexidos, corpo empranchado; extensão dos braços com elevação simultânea da bacia (flexão circunflexa).

11—Deitado de costas, braços em elevação vertical, mãos agarradas a uma vara fixa; pés em apoio sobre um plinto, de maneira que as pernas fiquem quase na vertical. As mãos seguram a vara como na atitude de salto e os pés apoiam cruzados, assentando por cima o correspondente à mão de baixo.—Tração dos braços e golpe de tesoura simultâneo das pernas, de modo a ficar de peito sobre a face superior do plinto. (Viragem e extensão no salto).

12—Seguro numa corda vertical, pés no solo e mãos à altura dos ombros; elevação anterior das pernas e viragem com flexão consecutiva, como no salto. (Fig. 11).

BASKETBALL

As modificações no grupo de Lisboa deram aso à vitória do Porto—A derrota de Setúbal

LISBOA, depois de ter vencido o Porto na própria capital do Norte, veio a perder em sua casa, a oito dias de intervalo... Entre estes dois encontros há um certo paralelismo: em ambos o primeiro tempo terminou com os vencidos a ganhar; em ambos as substituições tiveram influência decisiva no resultado final.

O Porto fundamenta a derrota no facto de ter alterado a estrutura «vascaína» em que tinha baseado a sua equipa representativa, enquanto Lisboa mantinha o «cineco» inicial; no encontro de sábado último repetiu-se o mesmo erro, agora na equipa da capital. A substituição de Carlos Fernandes, fulcro do ataque lisboeta, e de José Ferreira, por Quintas e Ceia, foi desastrosa. Valério, na defesa, constituiu uma brecha que Pima e Dias Leite souberam explorar; os arranjos que se fizeram foram inúteis, pois Ceia permanecia em campo enquanto Carlos Fernandes continuava a descançar. De 9 pontos a favor de Lisboa chegou-se aos 5 contra, e só quando de novo alinhou o «cineco» inicial é que se vislumbra a desejada recuperação—que se verificou tardiamente.

O Porto, julgado em conjunto, mostrou-se superior a Lisboa, em especial na 2.ª parte. Pima e Bacano, os dois portentos do Vasco da Gama, foram a alma do grupo nortenho; Pima não se furtou de chamar constantemente a si—talvez em demasia—o comando do jogo, realizando com o seu companheiro as famosas combinações que vão ficando já na história do «basket» nacional. Pena ter abusado dos «dribblings», executados com a mestria habitual, mas bastante longos e repetidos, permitindo melhor colocação à defesa adversária; além disso, é também de lamentar, em tão excepcional jogador, a falta de ponderação e calma para desculpar aos seus companheiros quaisquer faltas de atenção, em que, por vezes, também cai.

A formação de Lisboa, conquanto fisicamente mais forte, mostrou um conjunto que nem sempre agradou. Carlos Fernandes e Arlindo foram de longe os melhores; Cabral foi bom defesa mas excessivamente enérgico, por vezes; a sua saída no 2.º tempo constituiu baixa importante no rendimento do sector defensivo. José Ferreira, cumpridor, e Cruz, longe do seu normal, conseguiram no entanto «agüentar» bem a defesa nortenha, o que já não sucedeu com Ceia e Neves.

O desafio serviu, contudo, de excelente propaganda, e a forma como se desenrolou prendeu vivamente o interesse da numerosa assistência, em especial a fase final, que foi verdadeiramente emocionante.

Antes do encontro Porto-Lisboa, a selecção B da capital defrontou pela primeira vez o grupo representativo da A. B. de Setúbal.

70-17, com 37-4 à 1.ª parte, é «score» demasiado volumoso, pois exprime, para quem atentar só no resultado, um desnível que em campo não se mostrou tão nítido.

A equipa de Setúbal, constituída quasi que por elementos do Barricense, clube que já foi grande no «basket» português, faltou principalmente certeza nos lançamentos; isto é, faltou-lhes lançadores que transformassem o que sabem realizar a galgar o terreno. A defesa, segura e enérgica, cumpriu, e no ataque foi ainda Soeiro, a quem os anos vão já pesando, a figura de mais relevância.

A equipa de Lisboa—falamos da que alinhou no 1.º tempo e no final do 2.º—constituiu um conjunto agradável, tendo-se distinguido bastante Sebastião e Afonso Gonçalves.

Aos encontros assistiu o sr. dr. Aiala Botto, Inspector de Desportos, e no final os dirigentes da A. B. Lisboa ofereceram aos seus colegas do Porto e Setúbal um «Porto de Honras».

JOÃO ASSUNÇÃO

A ÉPOCA DE 1944

Notas e comentários

por GIL MOREIRA

SEM atender a desistências, faltas de comparencia ou atrasos motivados por avarias, isto é, tendo apenas em conta os resultados obtidos nas provas em que participaram corredores de Lisboa (que têm sido, afinal, e no conjunto de valores, os que podem servir de base para se aquilatar da classe da velocipedia portuguesa), verifica-se que o melhor estrangeiro na época de 1944, ou seja o que maior pontuação obteve, foi João Jesus Rebelo, com o total de 77 pontos.

Seguem-se, na escala de resultados conseguidos, Lopes e Lourenço; Império, José Martins, Fernando Moreira, Aniceto, Inácio, Mourão e José Ferreira. Depois aparecem ainda, como tendo-se classificado entre os dez primeiros de cada prova, os seguintes corredores: Túlio, Aristides, Jorge Pereira, A. Jacinto, Manuel Pereira, Manuel Rocha, Noé, Cardoso, Baltazar Rocha, Balha, Baptista Alves e J. Clemente, todos com totais que vão desde 32 até 5 pontos.

Impôr-se com mérito

Tal como sucedeu em 1943, Rebelo, que nesse ano havia sido o homem que demonstrara maior superioridade, pois em 7 provas teve 56 pontos (média de 8), voltou em 1944 colocar-se à frente de todos os adversários, não só com a maior soma de pontos mas também com um quociente de classificação igual ao mais regular de 1943. Os resultados feitos por João Rebelo (77 pontos em 11 provas), dão a média de um quarto lugar por prova.

Em ciclismo, porém, ha que atender não só à regularidade do atleta como à superioridade demonstrada em relação aos adversários. Pode ser-se muito regular sem contudo chegar a sobressair em mérito no conjunto dos valores em acção.

Assim, da mesma maneira que Rebelo conseguiu guindar-se merecidamente ao primeiro posto da classificação global, coube a José Martins a honra de ser, enquanto esteve em actividade, o ciclista que melhores resultados obteve.

O campeão nacional de fundo totalizou 45 pontos em 5 corridas, o que equivale ao quociente de 9—o melhor de todos os tempos, depois dos quasi inultrapassaveis 9,9 de Nicolau e 9,8 de Filipe de Melo.

Para se avaliar quanto são valorosos os resultados conseguidos por Martins, basta dizer que Lourenço, o mais regular de 1942, não foi além de 7,8 de media; que o mal-grado Raposo, o mais brilhante da temporada, atingiu apenas 8 de quociente; e que Aristides e Rebelo não passaram em 1943, respectivamente, de 7 e 8 de media.

Elucidativos, acerca da superioridade que cada um dos dez melhores classificados manteve sobre os adversários, os números que se seguem:

José Martins, em 5 provas obteve o quociente de 9; Fernando Moreira, 5 provas, 8,8; Eduardo Lopes e Lourenço, 8 provas, 7,62; Império, 7 provas, 7,28; Rebelo, 11 provas, 7; José Ferreira, 5 provas, 6,6; Jorge Pereira, 4 pro-

vas, 6,25; Aniceto, 7 provas, 5,85; e A. Jacinto, 3 provas, 5,33.

Os portugueses em evidência

Pela primeira vez, desde há quinze anos, apareceram dois homens do Porto escalonados entre os primeiros seis classificados no conjunto de todas as provas de uma temporada. Esses corredores são o «algueirista» Império e o «portista» Fernando Moreira.

Houve de facto a assinalar nitida subida de classe nos representantes da capital do Norte. Raras vezes têm conseguido aparecer na lista da primeira de dezena de classificados, mas, desta feita, se tomassemos apenas em conta as provas em que participaram portugueses e lisboetas, isto é, se excluíssemos as corridas officiais reservadas apenas aos sudistas, então Império e Moreira ficariam na vanguarda de Rebelo, Lourenço e Lopes... É que aqueles estradistas, nas provas onde foram chamados a actuar—Malveira, Lisboa-Santarem-Lisboa, Porto-Vila Real, Espinho, Aves e Campeonato Nacional—não se inferiorizaram, antes algumas vezes transpuzeram o risco da chegada em vencedores absolutos.

Ausência que prejudicou

Como já havia sucedido em 1942 e 1943, a ida a Espanha de alguns corredores prejudicou-os pelo que respeita à sua classificação no conjunto dos estradistas portugueses. Em contra partida, e como é natural, outros atletas houve que beneficiaram da ausência daqueles elementos, pois obtiveram resultados que não estavam ao seu alcance se porventura lutassem, por exemplo, com Lourenço e Julio Mourão, dois dos ausentes.

Todavia, desta feita os prejuizos e beneficios não foram tão importantes como os de há duas épocas. A bem dizer, só Lourenço, a julgar pela maneira como correu a última prova da época, e Mourão, tendo em conta o seu apêgo à luta, só estes, dos que andaram lá por fóra, poderiam subir na escala dos pontos—sem contudo chegarem a inquietar o melhor classificado.

Resultados que elucidam

Não obstante a irregularidade acima apontada na participação em provas de alguns estradistas, a tabela de classificação que publicamos dá-nos a ideia exacta do actual valor dos nossos estradistas. A ordem por que cada um está escalonado reflecte o mérito verificado no seu comportamento na temporada de 1944 e

digamos mesmo, o que poderá ser a sua actualção em 1945.

Numa altura em que necessário se torna conhecer as possibilidades dos estradistas, com vistas à próxima «Volta a Espanha», a tabela é concludente.

Se 1945 não nos desiludisse...

Após os dados fornecidos nesta e nas duas crónicas anteriores, é fácil concluir que o ano de 1944 não foi mau de todo para o ciclismo, nos capítulos actividade e resultados técnicos, ou ainda sob o ponto de vista «vontade de trabalhar». As tentativas, infelizmente goradas, para organizar a «Volta a Portuga»; a ida da turma «leoina» a Espanha, que poderia ter ainda maiores efeitos de propaganda se fôsse menos rodeada de desnesário «esgrêdo»; as iniciativas de fazer disputar provas de pista—assunto a que deve votar-se, de futuro, carinho especial; e a feliz nomeação do nosso prezado amigo dr. Salazar Carreira para Inspector da modalidade, pela qual poderá interceder, desviando o ciclismo de enveredar pelo caminho sempre prejudicial de só se desenvolver em determinados sectores—tudo, afinal, quanto se fez em 1944, é para louvar. Assim seja também no final de 1945...

XADREZ

O I Portugal-Espanha a efectuar no Casino do Estoril

ANTE a crescente expectativa da «afición» desportiva de ambos os países, aproximam-se os grandes encontros em que portugueses e espanhóis se defrontarão, em distintas pugnas de desporto atlético e intelectual—futebol e xadrez.

Num e noutro campo últimam-se os preparativos. Os xadrezistas não descumram a preparação, conscios das suas responsabilidades e das perspectivas de uma luta difficilima, que terão de sustentar contra adversários de grande classe. Segundo o jornal «Alcazar», que cognominou os jogadores com suggestivos epítetos, a Federação espanhola seleccionou os seguintes Mestres: Medina, «el jugador cerebral», campeão nacional; Llorens, «el posicional ou de bloqueos», campeão da Catalunha; Fuentes, «el astuto», campeão de Castela; Perez, «el combalivo», jovem campeão de Madrid; Pomar, «el niño prodigio», de cujos notáveis exitos se destaca o empate com Alekhine, em Dijon; Albareda, «el gran estratega», campeão da Catalunha em 1943 e «leader» do campeonato de Espanha na mesma época; Martinez Mocete, «la revelación aragonesa», campeão de Aragón e rival do seu patricio Rey Ardid, e Frias, «el jugador positivo y metódico», campeão da Andaluzia.

E contra este fortissimo elenco que se baterá a seleccion nacional, no Casino Estoril, sob a presidência de honra do sr. Ministro da Educação Nacional. O encontro afigura-se-nos desde já grandioso e da sua repercussão muito há que esperar em prol da expansão da modalidade na peninsula. Mais ainda do que os resultados técnicos, interessam outros aspectos mais profundos e de maior projecção, como seja a vitalidade do jogo do xadrez sob o ponto de vista desportivo e espectacular.

No entanto, consta-nos que a equipa nacional não se apresentará na sua máxima força. Os drs. Gabriel Ribeiro e Mário Machado declinaram o convite, o primeiro por doença e o segundo por motivos ainda não justificados, limitando assim o seu concurso ao cargo de chefe de equipa.

(Continua na página 15)

Classificação	NOMES	80 quilómetros	Circuito de Lisboa	100 quilómetros	100 Km. c/ relógio	176 quilómetros	Campeonato Nacional	Circ. Torres Vedras	Circuito da Cárria	Circuito de Aves	Porto-V. Real-Porto	Circ. de Espinho	Circ. da Barrida	Lx.-Santarem-Lx.	Circ. da Malveira	PONTOS
1.º	João Rebelo	1.º	4.º	3.º	2.º	1.º	4.º	3.º	10.º	3.º	4.º	F.	6.º	F.	D.	77
2.º	E. Lopes	D.	1.º	8.º	7.º	4.º	F.	1.º	D.	D.	D.	2.º	3.º	1.º	D.	61
3.º	J. Lourenço	D.	5.º	2.º	3.º	3.º	2.º	D.	1.º	9.º	F.	F.	F.	2.º	F.	61
4.º	Império Santos...	F.	F.	F.	F.	F.	3.º	F.	2.º	2.º	F.	D.	10.º	3.º	4.º	51
5.º	J. Martins	F.	F.	4.º	1.º	2.º	1.º	F.	F.	F.	F.	F.	2.º	F.	F.	45
6.º	Fern. Moreira...	F.	F.	F.	F.	F.	F.	F.	3.º	4.º	1.º	1.º	D.	—	2.º	44
7.º	Aniceto Bruno...	F.	F.	F.	F.	F.	F.	F.	9.º	5.º	1.º	3.º	4.º	D.	7.º	41
8.º	F. Inácio	1.º	2.º	7.º	8.º	D.	D.	6.º	F.	10.º	F.	F.	F.	6.º	F.	36
9.º	J. Mourão	3.º	3.º	6.º	5.º	D.	6.º	10.º	F.	F.	F.	F.	F.	5.º	F.	34
10.º	J. Ferreira	F.	F.	F.	F.	D.	10.º	2.º	4.º	F.	F.	5.º	—	—	1.º	33

A atribuição de pontos é feita na proporção de 10 ao 1.º, 9 ao 2.º, 8 ao 3.º, etc. Não estão incluídas as provas classicas do Porto, por serem reservadas apenas a estradistas do Norte.
Dos corredores que venceram provas não figuram neste tabela Tulio Perello e Jorge Pereira, classificados no conjunto de todas as corridas respectivamente em decimo primeiro e decimo terceiro.

A viagem de HUMBERTO DA CRUZ

a TIMOR e MACAU

foi um empreendimento aeronáutico-desportivo notável

O homem, na sua permanente ansiedade de lutar contra tudo que a Natureza dispôs em redor e que lhe cercela as ambições, pensou bem cedo em competir com as aves, conquistando-lhes o domínio do espaço imenso que o cerca.

Diz a Mitologia que foi Icaro quem primeiro materializou esse sonho, fabricando asas de cera, maravilhosas, que os raios solares, por vingança de Júpiter, derreteram, precipitando na terra o ambicioso inventor.

A primeira tentativa portuguesa de sustentação no ar data de 20 de Junho de 1540 e foi levada a cabo na Sé de Viseu. João de Almeida Torto construiu umas asas a que chamou «feticheiras» e lançou-se da torre da igreja, transpondo num relance as fronteiras do outro mundo...

Os portugueses começaram bem cedo a percrutar o desconhecido, no mar e no ar. Primeiro, explorando as possibilidades dos processos mais leves que o elemento sustentador, mais tarde utilizando os aparelhos e veículos fabricados com materiais pesados.

O padre Lourenço de Gusmão, no dia 8 de Agosto de 1704, segundo consta, porque tal facto não está verdadeiramente averiguado, voou na «Passarola», saindo do Castelo de S. Jorge e aterrando no Terreiro do Paço. Este sacerdote, desempoeirado e audacioso, fabricou a sua máquina enquanto estudava canones. Também é da sua autoria a primeira memória sobre navegação aérea: *Manifesto sumário para os que ignoram poder-se navegar pelo elemento do ar.*

Os pioneiros do «mais-pesado-que-o-ar» foram entre nós entusiastas e atrevidos, mas pouco felizes. Destacaremos, entre todos, D. Luiz de Noronha, vitimado bem cedo por moléstia adquirida numa queda do avião que pilotava.

Nos primeiros tempos a aeronáutica teve carácter essencialmente militar. Em acções sucessivas e progressivas presenciamos então as grandes tentativas audaciosas dos aviadores portugueses: o magnífico e monumental feito de Gago Coutinho e Sacadura Cabral, atravessando pela primeira vez o Atlântico Sul, com precisão matemática; a viagem de Brito Pais, Sarmento Beires e Manuel Gouveia, ligando Lisboa a Macau num gesto ousado; a científica travessia nocturna do mar *nostrum* — esse Atlântico Meridional das caravelas — efectuada por Jorge de Castilho, Beires e Gouveia, graças ainda ao invento do horizonte artificial de Gago Coutinho; a tentativa de Carlos Black de chegar à Índia e de Manuel Vasques a Luanda, realizada depois por Moreira Cardoso e Sarmento Pimentel, a pri-

meira, e por Humberto da Cruz e Bleck, a segunda, fechando o circuito Lisboa-Luanda-Lisboa, num total de 25.000 quilómetros; e, finalmente, a viagem, por todos os títulos notável, de Humberto da Cruz, pilotando um aparelho de turismo com fraco raio de acção, o «Dilly», e ligando a Metrópole com Timor e volta, tudo isto com meios materiais exíguos, que noutro qualquer país levariam ao manicómio o aviador que o tentasse...

Só elevado e puro sentimento patriótico, aliado a temperamento desportivo do maior quilate, poderiam presidir a tantos cometimentos. E porque toda a actividade física cujo objectivo fôr o de realizar certa proeza, que na essência comporte a ideia de vencer qualquer antagonismo — seja ele o próprio Homem, o Tempo, o Espaço ou a Matéria — é, antes e acima de tudo, uma acção desportiva, podemos chamar a nós, as nossas columnas, e inscrevê-las também na lista das vitórias alcançadas pelos desportistas, todas as realizações prodigiosas da aeronáutica lusitana.

Dizem alguns Henri Bordeaux: *La vie est un sport.* Na aviação, a vida torna-se um desporto rudemente perigoso.

Recordemos, por conseguinte, uma dessas páginas brilhantes — a de Humberto da Cruz, que percorreu 42.670 quilómetros em 268 horas e 25 minutos, batendo um *record* mundial de distância e duração em avioneta de turismo.

O propósito

A primeira ideia de voar até à mais longínqua das nossas colónias, Timor, germinou no cérebro de Brito Pais. Durante meses, na esperança de realizar outra viagem ao Oriente, o intrépido aviador tenta recuperar o «Pátria 2.^o», o mesmo avião que sobrevoara Macau e tombara em Kawloon, às portas de Hong-Kong...

Certo dia, o tenente Humberto Cruz foi pôsto ao corrente da futura tentativa e convidado a tomar parte nela. Aceita, mas o aparelho, mesmo depois de reconstruído, mostra-se incapaz de servir — e o projecto é abandonado.

Passa-se tempo. Em Janeiro de 1934 a cidade de Braga veste gala para festejar um ministro, numa grande manifestação de fé nacionalista, e uma esquadriilha foi prestar honras ao membro do governo. Houve bandeiras e flores, música e brados e fé. Por todos os lados, afirmação de esperança no ressurgimento da Pátria.

Humberto da Cruz, vivendo o ambiente, recorda-se do projecto abandonado e sente que lhe cumpre colaborar na obra de reconstrução nacional. A lembrança de chegar a Timor, conduzindo o lábaro da sua fé patriótica, obsede-o.

E como gostou sempre de caminhar para além das palavras e das ideias (frase sua, que transcreveremos aqui), expõe aos amigos que o rodeavam o pensamento que o domina. Todos o acitam e aplaudem, prometendo-lhe secundar vigorosamente a tentativa.

Assim nasceu o projecto de voar até Dili num aparelho adquirido por subscrição pública, para melhor servir de símbolo e mensageiro das saudades da população metropolitana aos naturais e habitantes de Timor.

A preparação

Foi o trabalho mais exaustivo. A preparação financeira principiou com o envio de mil e tantas cartas a pessoas e entidades



Os dois heróis da viagem: H. Cruz e o malgrado mecânico Lobato

que podiam colaborar na ideia. Como queria, desde o primeiro momento e por várias razões, proceder de modo a vincar a absoluta honestidade da viagem, obteve da Caixa Geral de Depósitos a criação do *Fundo destinado à viagem aérea a Timor*, rubrica sob a qual se recebiam e arrecadavam os donativos pecuniários.

Houve dissabores e alegrias: pessoa altamente colocada recusou-se a adquirir um bilhete para uma festa, alegando que o seu vencimento não comportava despesas elevadas (o bilhete custava apenas quinze escudos); outra, um pobre, mandava-lhe modesto auxílio e «que Deus o proteja e acompanhe na sua iniciativa».

Entretanto, Humberto da Cruz escreve artigos, faz conferências, concede entrevistas, sobe escadas a avistar-se com ministros, calculris quilómetros para fazer propaganda, fala pela rádio e, finalmente, sob promessa de entregar ao Estado o avião que adquirir, consegue um subsídio de sessenta contos, graças ao qual pôde realizar o seu sonho.

A preparação técnica — escolha escrupulosa do avião e estudo da viagem sob o aspecto meteorológico e geográfico — foi feita com o máximo rigor.

Finalmente, a 25 de Outubro de 1934, pela madrugada, o «Dilly», um monoplano «Leopard Moth», da firma de Havilland, equipado com um motor de 130 cavalos de força, rola na pista da Amadora, pilotado por Humberto da Cruz e com Gonçaves Lobato como mecânico, a caminho do Oriente.

Pormenor importante: por falta de dinheiro o aparelho não levava T. S. F. nem cintos de salvação, e para instalar depósitos suplementares de combustível dispensaram-se os para-quadras!

Tudo sacrifício e abnegação pelo êxito da tentativa!

A viagem

A 20 de Outubro, dias antes da partida de Cruz, haviam saído de Londres, com rumo a Sidney, os concorrentes da corrida Inglaterra-Austrália. Um amigo do aviador português tivera a lembrança de inscrevê-lo na prova, mas na data fixada pelos organizadores não lhe havia sido possível indicar o tipo e marca do aparelho que iria pilotar. Por esse motivo anularam-lhe a inscrição.

Foi pena. Se por acaso essa circunstância se não houvesse dado, Humberto da Cruz ter-se-ia classificado esplendidamente na classe de *aviões de turismo*, tendo partido com 5 dias de atraso ultrapassou, entre Gaza e Singapura nove concorrentes! E foi sempre controlado pelos postos de «controle» o avião n.º 30 — número que lhe coubera no sorteio...

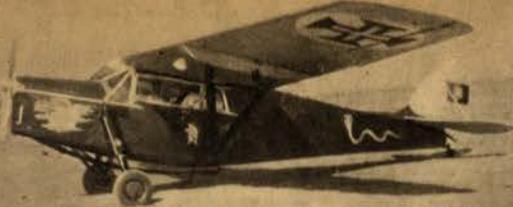
A primeira tirada, entre Lisboa e Argel, demorou 8 horas e vinte minutos. Os 1.390 km. haviam sido vencidos conforme as previsões.

Em seguida, e sempre sem mais descanso que as horas normais de sono e as destinadas às refeições, seguiram-se as etapas Argel-Tripoli (1.270 km.); Tripoli-Bengasi-Tobruk (1.380 km.); Tobruk-Gaza (1.085 km.); Gaza-Basra (1.890 km.); Basra-Jask (1.350 km.); Jask-Karachi (950 km.); Karachi-Alláhahad (1.490 km.); Alláhahad-Akyab (1.330 km.); Akyab-Bangkok (1.050 km.); Bangkok-Prachuab (250 km.); Prachuab-Singapura (1.350 km.); Singapura-Surabáia (1.695 km.); Surabáia-Rambang-Dili (1.465 km.).

Em 13 dias, sem interromper a sua audaciosa e bem estudada viagem, percorreu 17.635 quilómetros. E, facto notável, uma das tiradas — de Gaza a

A chegada a Timor, um *clandim* lê uma emocionante saudação





Basra — fizera-se em linha recta, sobre os desertos da Arábia, evitando os 16 terrenos de recurso situados ao norte, com evidente desprêzo da vida e da segurança dos tripulantes!

O regresso não é menos brilhante. Humberto da Cruz volta a Surabaia, Batávia, Singapura, Bankók, Hanoi, Macau, pensa em ir a Xangai e decide tocar na Índia Portuguesa — Goa e Diu — passando de novo pelos pontos por onde aterrara na ida.

Aos 21 dias de Dezembro, depois de sobrevoar 42.670 quilómetros — distância tomada em linha recta mas por isso mesmo inferior à verdadeira — em 268 horas e 25 minutos de voo, tendo feito 50 aterragens, algumas das quais em terrenos impróprios e detestáveis, Humberto da Cruz regressava à Amadora, tendo batido um record mundial: o de distância e duração.

Foi-lhe atribuído o troféu Clifford-Harmon, que hoje se encontra propriedade da Aeronáutica Militar e que, por circunstância inexplicável, nem o nome do vencedor tem gravado!

Circunstância também curiosa e que os filatelistas por certo apreciarão: os correios de Macau imprimiram sobrescritos especiais alusivos à viagem, bem como selos, e autorizaram que Humberto da Cruz trouxesse a primeira correspondência «via aérea» até à Índia e Lisboa.

Humberto da Cruz esteve preso na Pérsia, abusivamente, a pretexto de não levar em ordem a sua documentação. No Cairo, Lobato teve de aplicar uma bofetada certeira num empregado da agência da casa Havilland, o qual troçava dos aviadores portugueses — mas que desde logo caiu em si...

Bastantes peripécias mais poderiam relatar-se se acaso o espaço e a natureza desta evocação o permitissem.

Para terminar, queremos apresentar aqui um alvitre: porque não se organiza desde já um museu da aeronáutica onde figurem documentos, cartas com as rotas seguidas, os aviões, fotografias e tudo, enfim, que colaborou ou permitiu a realização destes feitos notáveis?

Daqui a vinte anos a mocidade futura muito lucraria, em estímulo e confiança, com o conhecimento visual de tais recordações. O «Dilly», que tão fielmente colaborou na proeza de Humberto da Cruz, virá talvez a morrer de velho, num canto, ao passo que o seu lugar seria mais próprio onde atestasse a audácia de quem o pilotou.

Certas viagens aéreas são hoje banais mas não o eram em épocas pouco recuadas. A atestá-lo estão os records batidos, os troféus ganhos e as dificuldades que houve de vencer, tudo motivos de regosio e orgulho para os portugueses!

RAFAEL BARRADAS

A partida de Macau para continuar a gloriosa viagem



BASKETBALL: 1 — As selecções de Lisboa e Porto, antes do encontro; 2 — As selecções de Lisboa B e Setúbal. HIPISMO: 3 — O alferes Abrantes Silva, vencedor da apoteose de domingo para a taça «Rodrigo de Castro Pereira». ATLETISMO: 4 — A equipa do Benfica que triunfou no «corrida-mato dos deus»; 5 — Na sessão em que a Associação de Atletismo de Lisboa procedeu à distribuição de prémios.

Notas da semana

Um problema em equação

O Porto-Lisboa em «basketball» veio confirmar o que aqui dissemos há tempo: não há terrenos de jogo suficientemente amplos para conter a multidão de admiradores da modalidade. A «tragédia» daqueles que foram até ao campo do Fluvial dar-lhe muito que contar.

Este problema tem de ter, da parte dos clubes ou da Associação respectiva, uma solução rápida, se não querem que as assistências se retraiam, duvidando das acomodações e das facilidades de visão num encontro de categoria.

Ainda não foi desta!

O F. C. do Porto tem de arranjar forma de quebrar o enguço que o persegue sempre que enfrenta o Estoril Praia. Seja cá ou seja lá, a presença dos estorilenses parece exercer acção depressiva, como que hipnótica, sobre os jogadores «azul brancos», pois é do pior o jogo que fazem com este adversário...

Para os que acreditavam num «saldo de contas», o desengano deve ter sido uma coisa tremendamente arreliadora...

E se se pedisse que o Estoril mudasse a cor das camisolas ou alterasse o nome do seu campo? Talvez que estivesse aí o remédio. As vezes a «virtude» encontra-se onde menos se espera...

Porto-Madrid em «hockey» em campo?

As negociações entabuladas entre a Associação Portuguesa de Hockey e a Federação Espanhola da mesma modalidade têm sido conduzidas num plano de acerto e conducentes a bons resultados.

A intervenção da Direcção Geral de Desportos no assunto deve ter proporcionado a conclusão indispensável para que esse encontro seja levado a efeito, com o que muito se faria para a propaganda e desenvolvimento do «hockey» em campo, nesta cidade, onde, aliás, tem já lote numeroso de praticantes e público afeiçoado.

No caso de se utilizarem as diligências, é desejo da Associação portuguesa realizar esse jogo no próximo dia 1 de Abril, domingo de Páscoa, o que teria o condão de despertar interesse ainda maior.

O problema da ginástica nos nossos clubes desportivos

COMO se sabe, na cidade do Porto só existem duas colectividades — e uma delas até sem possuir característica puramente desportiva — com ginásios em perfeito funcionamento: Sport Clube do Porto e Associação Cristã da Mocidade. Ora a verdade é que não se justifica tão acanhado acuidade na Educação Física, num meio que dispõe de dezenas de clubes e de milhares de praticantes das mais variadas modalidades. Chega mesmo a ser paradoxal esta situação...

Competição desportiva pressupõe necessidade de cultura física — e na realidade a segunda é a base indispensável da primeira. Como se pode, pois, compreender que, num centro desportivo de grande ex-

Stadium

na Capital do Norte

MISSÃO DIFÍCIL

SE há cargos no desporto que não devem proporcionar muito prazer a quem os exerce, indubitavelmente o de seleccionador de uma equipa, seja em que modalidade for, está nesse número.

Lugar espinhoso, de agrado incerto e de resultados duvidosos, não nos é estranho, porque já o exercemos num tempo em que não era do «tipo único» agora em voga. Por isso reconhecemos as sérias dificuldades e desgostos que acarreta, além dos comentários que provoca quando a sorte não bafeja o trabalho desenvolvido.

São dispares os interesses em causa, espantosamente acrescidos de interrogações quando a personalidade do seleccionador envolve também a de dirigente ou orientador de um clube do primeiro plano de modalidade determinada.

Há na consciência equilibrada desse indivíduo a preocupação constante de evitar que se julgue que ele aproveita o ensejo para favorecer a sua gente. Muitas vezes, a vontade e o raciocínio sofrem atropelos na obediência a um dilema de lealdade e imparcialidade. A luta que se estabelece então no espírito do seleccionador é intraduzível.

Por isso assistimos, em certos casos, a substituições que parecem inexplicáveis.

Para quem possui isenção absoluta, mas esteja sujeito à crítica, muitas vezes feita em bases movidas e ao sabor dos interesses clubistas, o receio de não acertar, ou de não pôr em jogo todos os factores que tem na mão, esgota o cérebro e os nervos.

O problema cresce se o seleccionador tem ainda outra função de responsabilidade: a de crítico.

Não falamos com Alves Teixeira, seleccionador do conjunto português de «basketball», depois do Porto-Lisboa, mas julgamos não estar longe da verdade quando nos capacitamos de que deve ter sido de baixo desta tríplice influência que entrou no campo do Fluvial, com os «seus» rapazes, para o encontro disputado no Porto.

E talvez estas nossas considerações assinalam os motivos porque tentou evitar que o «cinco» português fosse da Cruz de Cristo, quando as circunstâncias impunham esse recurso.

Nós, que o conhecemos bem, convencemo-nos de que foi este o seu maior problema nessa noite.

MÁRIO AFONSO

INICIATIVAS DA STADIUM

O Torneio de «Volleyball»

prosegue com a maior animação

A primeira fase desta organização da «Stadium» está cumprida com a realização dos jogos da eliminatória inicial. Das 13 equipas que se inscreveram, ficaram agora 7, que vão disputar os 1/4 de final, em harmonia com o resultado do sorteio, a realizar amanhã, quinta-feira, na Associação de «Volley». Teremos mais duas jornadas e conhecer-se-ão os nomes dos semi-finalistas. Assim, domingo a domingo através de movimentadas partidas do salutar desporto do «volley», chegaremos

à derradeira competição, que nos dará o vencedor absoluto do troféu «Dr. Selaizar Carreira».

É consolador verificar que a nossa iniciativa continua a merecer o carinho e aplauso de todos os sectores, e ainda que o público ocorre aos jogos em número vulgar nesta modalidade.

Por sua vez, o respectivo organismo oficial tem-nos prestado sempre a sua valiosa colaboração, que representa, indubitavelmente, mais uma garantia de êxito para os nossos propósitos: os da propaganda da modalidade.

Nesta altura é impossível arriscar um prognóstico em relação ao vencedor, já pelo valor equilibrado das equipas que passaram aos 1/4 de final, já pelas próprias contingências que o «capricho» do sorteio possa impor.

Resumindo: o torneio de «Volley» da Stadium continua a marcar posição de relevo no movimento desportivo português.

Os jogos da 2.ª mão da primeira eliminatória

O campo da Avenida voltou a registar assistência numerosa para assistir aos derradeiros jogos da primeira eliminatória, os quais definiam, como definiram, a posição de cada equipa em relação ao futuro do torneio. Isto deu em resultado luta ardorosa por parte dos vencidos da 1.ª mão, que buscavam a possibilidade de continuarem na prova. Daí o forte ambiente

E. S.

(Continua na pág. seguinte)

Stadium

Handball

A extraordinária exibição do Vigorosa em frente do Sport, para o campeonato do Porto, e os excelentes jogos do F. C. do Porto com o Sport e com o Vigorosa — confirmam o valor técnico actual do «handball» português.

Este conceito não é audacioso, embora alguns «pessimistas» assim o considerem. Reconhecemos que na 1.ª Divisão o valor dos grupos é muito heterogéneo, principalmente do 4.º até ao último lugar, mas nos primeiros há sistema técnico perfeito. Se o F. C. do Porto não tem hoje um fio de jogo uniforme durante o campeonato, em relação a épocas transactas, em contrapartida os grupos das Cavadas, de Soares dos Reis e de Santa Catarina nunca atingiram o nível actual.

Os restantes grupos perdem-se com a «velhice» dos seus elementos, a merecerem substituição. Queixam-se os dirigentes dos clubes que não aparecem novos. Lamentável engano! Esquecem que os novos não despontam porque a persistência em manter os veteranos não permite o acesso de jovens.

Que lhes proporcionem oportunidade e terão nas próximas épocas gente nova, de valor. Como muito bem afirmou Anibal Marques, presidente da A. H. Lisboa, só os campeonatos de juniores rejuvenescerão o «handball» português.

♦ A segunda vitória da equipa lisboense sobre a de Madrid veio provocar maior propaganda à volta dos famosos Porto-Lisboa.

As responsabilidades agora são tremendas e os respectivos seleccionadores têm de vencer não só as dificuldades técnicas, como a exaltada opinião desportiva das duas regiões, que vê nestes jogos motivo para supremacias do desporto local. Avaliamos os seus receios, os seus «pesadelos». Porque, nestes casos em que o público tem voto, a infeliz acção dos seleccionados corresponde automaticamente a um lançamento às feras, a um auto-de-fé...

♦ Últimamente, os dirigentes sudistas tentaram alterar a ordem dos citados encontros, com o fim de ser realizado o primeiro em Lisboa.

Respeitando o acordo subscreto na época anterior, a A. H. P. não transigiu, com risco da não efectivação dos inter-cidades.

Felizmente, o bom senso predominou e o perigo desapareceu...

♦ As considerações dos elementos portugueses que se deslocaram a Espanha quando do 2.º Lisboa-Castela, a propósito da interpretação das regras de «handball» pelo árbitro espanhol, vieram ao encontro do que nos manifestaram os dirigentes espanhóis por ocasião do primeiro jogo, na Capital. Estes estranharam que o arbitragem fosse entregue a um árbitro português, mas ainda contemplavam com a escolha de um juiz de campo de outra região, «em especial do Porto». Não se «pensou» nisso e hoje cabe aos portugueses o momento de se queixarem.

Mais do que nunca, há absoluta necessidade do intercâmbio de arbitragens para uniformidade de critérios e elementos de esluço.

Que sirva este exemplo de lição para o futuro.

LEME

O futuro de um grande clube

O SPORTING

prepara-se para grandes cometimentos

A assembleia geral do Sporting, como a sua terceira reunião, constituiu, além de curioso pontamento da vida desportiva lisboeta, pormerode muito interesse na vida do clube. A última reunião, à qual compareceram mais de 500 sócios, teve ambiente bem diverso das anteriores. Aquelle numeroso grupo de associados sportingistas soube demonstrar, de forma categorica e entusiastica, o desejo de ver o Sporting entrar decididamente no caminho das grandes iniciativas, para que assim trouxesse mais prestigio e a importancia do clube no desporto nacional. Foi o momento de pura confiança no grupo de homens que, escolhidos na massa associativa, pasaram a ocupar os lugares directivos e sob cuja accção a vida do clube caminha. Foi ainda o momento de se prestar justiça — e as ovações foram calorosas — a todos quantos têm ajudado o Sporting a vencer e lhe têm dado o seu melhor concurso, banguando pelo bom nome da colectividade.

— Dentro do Sporting só se deve trabalhar pelo Sporting!

Estas palavras, que em dado momento ecoaram no vasto salão, foram recebidas com entusiasticos aplausos. Ao fim e ao cabo verificou-se que os importantes problemas apresentados tinham merecido cuidadosa e dedicada atenção. A vida do grande clube apresenta-se desanunciada — e bem preparados todos quantos lhe dão animo para melhor o imporem no desporto nacional.

Alguma coisa de novo se adivinha. Mais do que aquilo que as discussões da assembleia deixaram perceber. Registe-se mesmo, desde já, a certeza de que as instalações desportivas do Sporting serão um facto — não ficarão nos projectos.

A confiança dos sócios nos seus directores, conferindo-lhe, em significativa aclamação, os poderes indispensáveis para desenvolver nesses sentidos a sua accção, constitui a nota simptica com que se encerraram os trabalhos da assembleia.

De todas aquellas horas em que os sócios do Sporting estiveram reunidos, muito ficou, afinal, de vantagem para mais útil entendimento entre todos. Tanto melhor.

XADREZ

(Continuação da pág. 11)

No momento em que escrevemos não se conhece ainda em definitivo quais os jogadores que serão opositos aos xadrezistas espanhóis. Indicam-se os oito prováveis: João Mario Ribeiro, que defrontará o jovem Arturito Pomar, no primeiro tabuleiro, em honra da juventude ibérica; Francisco Lupi, Carlos Pires, Leonel Pias, João de Moura, Gabriel Russel, Mestres da Federação Portuguesa de Xadrez, e engenheiro Nandim de Carvalho e Rui Nascimento, jogadores estes que melhores provas prestaram no torneio de selecção e treino.

NATAÇÃO

(Continuação da pagina 7)

O melhor resultado da época pertenceu, no entanto, a Júlio Mendes Silva (3 m. 6.3 s.), pois Silva Marques conseguiu nos campeonatos nacionais 3 m. 7.1 s.

A seguir, por ordem de valores, citaremos João Mira Gomes, campeão regional de 400 metros-livres, como acima dizemos, e campeão regional e nacional de 4 x 100 metros-livres.

Uma referência especial para o combriçense Luiz Lopes da Conceição, segundo classificado nos 100 metros-livres (1 m. 9 s.) e 100 metros-costas (1 m. 23.5 s.) dos campeonatos nacionais. E para Luiz Franco, também de Coimbra, com um honroso terceiro lugar no campeonato nacional dos 200 metros-bruços (3 m. 16.8 s.).

António Macedo Nunes e Fernando Edgar do Carmo completam a lista dos campeões, como componentes do elenco do Estoril que triunfou na estafeta olimpica de 4 x 200 metros-livres (10 m. 56.4 s.).

Dos que não chegaram a campeões, merece ainda citação, à frente, o nome de Fernando Sacadura, que comemorou na ép ca finda as suas bodas de prata de nadador, e depois a lista habitual, que não mudou, porque nada de novo houve entre os seniores: Óscar, Carreilhas, Afonso, Bessone Júnior e Rafael Eduardo Ramos, cujo amor pela modalidade não cansa, cujo entusiasmo nunca arrefece, mesmo até quando não treinam com regularidade...

O Campeonato de Júniores da A. F. L.

decorre com muito interesse

A décima jornada do campeonato de júniores da A. F. L., com os onze desafios da praxe não trouxe qualquer surpresa. Tudo como sempre: regularidade, interesse das massas associativas dos clubes ligados à competição, entusiasmo dos jogadores e resultados mais ou menos previstos.

A quatro jornadas da conclusão da primeira fase da prova pole já comear a pensar-se nos clubes que virão a figurar na fase final. Os três «leaders» continuam firmes na sua invejável posição: Atlético, Sporting e Fofos parecem de «pedra e cal»; os três sub-leaders estão com margem confortável de pontos sobre o terceiro, do modo que não é de admirar que os três já citados se juntem o Belenenses A e B e o Benfica.

Na 1.ª série anotaram-se os seguintes resultados: Cascais-Estoril, 0-1; Oeiras-Atlético, 1-2; Paço do Arcz-Paredé, 1-1; Belenenses (B)-C. U. F. 2-0.

Ainda desta vez a idea de que entre os componentes da série não há grande disparidade de valores não se frou desmentido. E no entanto, a diferença de pontos do 1.º ao 8.º é de 16.

Em todos os resultados deixam supor que as lutas se desenrolaram com equilibrio e que os vencedores só com o apito final podem ter «segurado»...

Na 2.ª série, as lutas tiveram os seguintes desfechos: Cascalheira-Benfica A, 1-3; Palmeira-Casa Pia A, C, 1-2; Arroios-Sporting, 1-3; Desportivo Operário-Futebol Benfica, 1-2. Uma coincidência: ganharam em todos os desafios as equipas visitantes.

Os «encardidos» não alcançaram um resultado «à sua maneira», mas a diferença de duas bolas é sufficiente para revelar a sua superioridade sobre o adversário e não ter deixado fugir os «leões».

O Sporting logrou o resultado mais expressivo da série. Cinco a um ao Arroios, no campo deste, é bom, mesmo tendo em conta que o vencido vem accusando decréscimo de valor. Os sportingistas viram as suas rédeas tocadas pela primeira vez e isso constituiu nota de sensação...

O Palmeira deu réplica valorosa aos caspalanos, que se firmaram no terceiro posto. E o F. Benfica conseguiu afastar-se mais do «lanterna-encarnada», que era o seu adversário...

Na 3.ª série verificaram-se os seguintes resultados: Fofos — G. D. — C. F., 6-0; Operário-Sacavenense, 2-1; Belenenses (A)-Chelas, 3-2.

O favorito ganhou por margem confortável. O «score» traduz uma superioridade que não deixa dúvidas quanto ao desenrolar da partida e tom até o seu quê de surpresa, pois os «ferroviários», há poucas semanas, estavam a creditar-se de adversários difíceis.

O Operário obteve proveito triunfo, que lhe deve ter tirado apreensões quanto ao perigo do último lugar. E o Chelas foi adversário mais valoroso dos «cazuis» do que se poderia es, erar.

D. D.

O Torneio de «Volleyball»

(Continuação da página anterior)

de entusiasmo que se verificou tanto fora como dentro do terreno.

Damos a seguir os resultados dos diversos jogos. No campo da Acadia: O programa devia iniciar-se pelo encontro Centro Universitário B-Cuf, mas este não conseguiu reunir à hora marcada mais do que quatro elementos, motivo porque o primeiro venceu por falta de comparecência. A equipa do Centro-B estava assim constituída: Tomi, Firminto, Jorge, Campos, Iglésias e Pinheiro. Apurado para os 1/4 de final: Centro-B.

S. Roque-B: Mourão, Menezes, Soares, Cunha, Santos e Cabral. Centro-A: Cabral, Luis, Nelson, Valério, Azevedo e Veiga. Árbitro: Fernando Castro. Os universitários não tiveram dificuldade em ganhar. Triunfo certo do Centro-A, por 2-0 (15/3-15/3). Apurado: Centro-A.

F. C. do Pórtio-B: Casimiro, Elísio, Paiva, Ferreira, Neves e Gonçalves. Sport-B: Fonseca, Borges, Fafe, Monteiro, Pereira, Nunes. Árbitro: António S. Lério. Os «portistas», que tinham perdido na primeira mão, suberam jogar bem e ficaram apurados por melhor número de pontos. Vitória do F. C. do Pórtio-B, por 2-0 (15/10-15-3. Apurado: F. C. do Pórtio-B.

F. C. do Pórtio-A: Castro, Pinho, M. Ferreira, Ramos, Aguiar e Almeida. Sport-A: Gomitto, Nascimento, Moreira, Buzelo, Guerra e Saramago. Árbitro: António Galois. Vitória do F. C. do Pórtio-A, por 2-1 (15/11-7/15-21/14). Apurado: F. C. do Pórtio-A.

S. Roque-A: Spranger, Soares, Costa, Pires, Cruz I e Cruz II. Juventude: Pinheiro, Ramos, Silva, Pires e A. Ramos. Árbitro: Fernando Castro. Vitória do S. Roque-A, por 2-1 (15/6-7/15-2/13). Apurado: S. Roque-A.

No Lima — Académico B: A. Castro, Martins, Teixeira, A. Oliveira, Magalhães e Costa. Apurado: Académico B.

Em virtude dos resultados acima, ficaram apurados para os 1/4 de final as seguintes equipas: Académico-A e B; Centro-A e B; F. C. do Pórtio-A e B e S. Roque-A.

CAMPISMO

Um aviso de interesse

Dentro em breve teremos o melhor periodo de actividade para os campistas — a Primavera. Se alguns se encontram ainda na necessidade de renovar o seu material, ou de o completar, devem dirigir-se desde já à Fábrica Portuguesa de Encerados, Lda., na rua do Vale de Santo António, 71 e 72, telefone 24085, ou rua do Cais de Santarem, 66, telefone 24086, pois é a casa que melhor se especializou em lendas e todo o material para campismo.

II DIVISÃO DO NACIONAL

OS DOIS CLUBES DE LISBOA

estiveram em evidência

A segunda fase do campeonato nacional da II Divisão teve no domingo a sua primeira jornada. Desnecessário se torna salientar que a prova está no periodo de maior interesse. Feita a primeira eliminação, ficaram no torneio dezasseis das oitenta e nove equipas que há cerca de três meses alimentavam esperanças de conquistar tão cobiçado titulo...

Houve, portanto, oito desafios, que forneceram os seguintes comentários.

A primeira referência vai para os clubes de Lisboa. Um e outro foram excelentes representantes do futebol da capital, não porque tivessem alcançado os resultados mais expressivos da jornada (os adversários não eram dos mais categorizados que continuavam no torneio) mas porque as suas exhibições foram de molde a pensar que podem merecer favoritismo.

O Pórtio não esteve afortunado. Perdeu um representante — o Leixões — e ficou «entregues» ao Boavista. Ao contrário, o Minho, se perdeu um, vai ficar na prova com uma equipa que é capaz de vir a dar boa conta de si. O Famacão tem agora enjoo de contra-prova, defrontando o Boavista.

Oliveirense e Sport Lisboa e Elvas, que quasi se podem considerar revelações deste campeonato, tão brilhantes têm sido as suas carreiras, defrontaram equipas com mais experiencia do torneio — respectivamente o S. Joanense e o Sporting da Covilhã.

A derrota destes clubes não é muito de admirar se recordarmos que na primeira fase da prova nem um nem outro lograram resultados tão expressivos como nos anos anteriores. Tinhamos a impressão de que os rapazes de S. João da Madeira e os «leões» da Serra valiam menos do que nas épocas transactas. E, pelo visto, não nos enganámos.

A vitória do Oliveirense, sobretudo, é de realçar. 5-2 é concludente. Os elvenses mereceram a vitória; os seus avançados tiveram enjogo pela baliza, mas a defesa contrária cumpriu bem. Daí a escassez do resultado.

A C. U. F. do Barreiro defrontou um clube que já lhe é conhecido — o Onze Unidos do Montijo. Formou-se de há muito a idea de que os montijenses são bastante mais perigosos na sua terra do que fora dela. E como o desafio era em campo neutro, a vitória dos barreirense é tida como coisa natural.

O Sporting Farense — outra equipa com tradições na prova — foi eliminado pelo Lusó de Beja.

Decadência dos algavios ou melhoria dos alentejanos?

A vitória destes foi obdida pela tangente e a impressão de que a luta foi equilibrada não pode andar arredia.

ZÉ DO PEÃO

Capitães das Equipas da I Divisão

Neste número: a 4.ª separata desta nova série — a fotografia de **RENDAS, capitão do grupo de honra do VITÓRIA (S).**

Ano III — Lisboa, 7 de Março de 1945 — II Série — N.º 118

STADIUM

REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS

Propriedade da

SOCIEDADE DE REVISTAS GRÁFICAS, LDA.

REDACCÃO E ADMINISTRAÇÃO

Travessa, Cidadão João Gonçalves, 19, 3.º

TELEFONE 5 1146 — LISBOA

Execução gráfica de NEOGRAVURA, LDA. — LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Assine a STADIUM

Preços	3 meses	Escudos 19\$50
	6 "	" 39\$00
	12 "	" 78\$00

Stadium



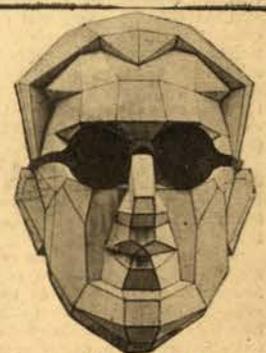
O torneio de "Volley" da "STADIUM" e outros acontecimentos desportivos no PORTO



Equipas concorrentes ao nosso torneio de "Volley":
 1— Sport Clube do Pôrto; 2— Futebol Clube do Pôrto; 3—S. Roque Lameira (A). 4— Juventude (A).
 Futebol: 5— No jogo de passagem Académico-Ramaldense, Rafael defende de cabeça um "goal", certo. *Corta-mato*: 6— Fase da prova regional de seniores; o vencedor é o concorrente da esquerda

O BENFICA comemora mais um aniversário

Dando começo às comemorações do 41.º aniversário da sua fundação, o popular Sport Lisboa e Benfica realizou um expressivo Banquete, por iniciativa do seu geminário, uma centena de socios com mais de vinte e cinco anos de permanência no clube. Presidido e sr. dr. Magalhães Godinho, director do jornal "Sport Lisboa e Benfica", que proferiu uma curiosa oração, tendo discursado também os srs. dr. Augusto da Fonseca, major Faria Leal, sócio n.º 2, Raul de Oliveira, director do nosso colega "Os Sports", Luiz Ferreira, pela imprensa diária, Avelar Machado, que representava a "Stadium", Campos Vieira, capitão Ribeiro da Costa, Francisco Rezende e Felix Bermudes, presidente eleito do clube. A fotografia que publicamos mostra um aspecto do ágape



GIL OCULISTA

FUNDADA EM 1865
 Depositária das lentes "ZEISS"
 Binóculos, Termómetros
 Bússolas de marcha, etc.
 Aparelhos de Precisão
 135, RUA DA PRATA, 140
 Telefone 22629 LISBOA